

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

A prisão que libertou

História de [Perfeito Fortuna](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 00/00/0000

P1 – Fala o seu nome completo, local, data de nascimento.

R – Então, meu nome é Perfeito Antônio Fortuna Serra Lopes, nasci em Vila Nova de Gaia, num distrito de Serzedo. Acho que o estado é Porto, acho que é isso, em Portugal.

P1 – E...

R – 1950.

P1 – E fala o nome do seu pai e da sua mãe.

R – Meu pai chama Antônio da Silva Lopes, minha mãe chama Anita Fortuna Serra.

P1 – E eles eram da região do Porto? O que você sabe da história...

R – Ah, da história deles... minha mãe era lá de Vila Nova de Gaia, o meu pai era de Espinho. Espinho é uma região de praia também acerca dali, não é muito longe. Mas é lindo o Espinho, segundo contam. Agora que eu ia a praia lá, mas não me lembro. Eu também não fui de volta lá a Espinho, mas eu vou. Agora, a minha mãe era de uma família tradicional dessa região, de certas posses. A família dela específica não, porque meu avô tinha 16 filhos e ela era a última e ele teve uma tuberculose, ficou doente e aí ficou mal, morreu. E aí ficou a minha avó, a minha mãe tinha um ano e pouco, com 16 filhos pra criar. Então, época da Guerra, não era muito simples. As irmãs delas algumas casaram bem. Não ajudavam muito a gente não. Um povo meio assim. Aí meu pai era mais simples, meu pai é analfabeto, trabalhava em fazendas, ajudando, sempre ajudante. Aí casou com a minha mãe, aí tiveram quatro filhos. Na verdade cinco, porque um morreu antes de eu nascer, morreu. Quando ele morreu a minha mãe estava grávida de mim. Esperando. Na verdade, eles queriam ter um filho desde pequeno. Aí nasceram três irmãs e depois nasci eu. Esse que morreu, aí eu vim meio pra salvar a onda. E até hoje tô salvando a onda. Salvo geral, tem que cobrir...

P1 – Tem que cobrir... Vale por dois.

R – É, cobrir dificuldades, cheguei pra resolver, não pra criar problema, problema não é meu negócio não, é resolver.

P1 – Mas aí antes de você nasceu quem? Vai, fala pra mim os nomes.

R – Nasceu minha irmã. A minha irmã que chama Maria do Carmo; aí nasceu a minha outra irmã, que chama Maria da Glória, e nasceu a minha irmã, que chama Maria Manuela. Aí depois nasceu o meu irmão, que chama Carlos Fernando, E aí depois eu. Aí depois meus dois irmãos, o Fernando também E depois o meu irmão Manuel. São essa turminha. Há pouco tempo eu soube o porquê do meu nome, coisa que eu... Interessante isso.

P1 – É.

R – Eu tinha assim meu padrinho, que era meu tio também. Na verdade, a minha tia, irmã da minha mãe casou com um senhor que chamava Perfeito. Ela queria, falou: “Olha, quando você tiver um filho eu quero ser madrinha. E vamos botar o nome dele de Perfeito”. E eles eram muito ricos, essa dupla, aí nasceu minha irmã. Não sei se já tinha nascido a primeira irmã. Mas ela queria um filho homem. Aí nasceu a minha irmã, ela foi madrinha, porque não sei, tinha combinado alguma coisa, foi madrinha da Glória, Maria da Glória. Aí depois quando nasceu o meu outro, o meu primeiro irmão, antes de mim, evidente, esqueceram

P1 – Ah, esqueceram do....

R – Esqueceram. E aí batizaram com outro nome lá, sem ser ele. Aí o cara foi embora, eu não conheci. Aí depois: “Aí me cobrou, cobrou, cadê o cara?” Aí eu nasci, aí foram batizar Antônio Perfeito, a minha mãe falou: “Não, Antônio Perfeito”. Aí ela falou: “Não, Perfeito Antônio”. Aí teimou

e ganhou, a minha madrinha...

P1 – E porque Antônio?

R – Porque todo mundo lá em casa é Antônio, meu pai chama Antônio. Aí meu irmão Manuel Antônio, Fernando Antônio, todo mundo Antônio. Como todo mundo é Maria, Maria do Carmo, Maria da Glória, Maria Manuela. E aí eu fiquei descobrindo isso, que os caras queriam muito e eu fui o escolhido, o que é uma chateação esse nome. Eu não tenho coragem de botar ele em ninguém. É um peso. Mas a gente era muito simples, da aldeia. I eu acho que ela aceitou. E agora, esse cara me ajudou muito, e há pouco tempo eu perdoei ele, ele e a minha tia, porque custou pra perdoar.

P1 – Por causa do nome?

R – Não, porque meu pai era muito duro lá em Portugal, e uma porca de irmãs da minha mãe casaram muito bem, ela casou com um cara pobre. Aí não tinha trabalho, ferrado, com quatro filhos, barra pesada... Necessidade de fome. Não tinha trabalho. E então era barra pesada mesmo. Da minha mãe, por exemplo, a minha avó, que chamava, o apelido dela era Beatriz Fortuna. E ela era conhecida como “Mãe do céu”. O bairro todo chamava ela de “Mãe do céu”. A minha mãe, quando era pequena, pedia pelo amor de Deus pra ela deixar pedir esmola. E ela não deixava pedir esmola. Porque eles ficaram muito pobres, passando necessidade mesmo, é coisa de inverno, coisa de Europa, de inverno, de guerra, coisa barra pesada. E esse meu tio, meu padrinho, Perfeito, era muito rico. E aí emprestou dinheiro pro meu pai vir pro Brasil, pra poder tentar melhorar de vida. Pouco tempo também eu soube que ela uma vez viu num jornal, escrito num jornal velho, sobre o Rio de Janeiro. E aí começou... Tinha uma quadrinha que ela sempre repetia: “Ô meu rico são João, ó meu santo marinho, não sei o que, não sei que lá, me leve para o Rio de Janeiro.” Ela desde pequena cantava isso, aí de repente o Rio de Janeiro, Brasil.

P1 – Por causa disso... Não tinha ninguém aqui?

R – Já tinha um tio, irmão do meu pai, que mandou uma carta, pra ele vir. Só que aí eu chegava no natal, no ano... Assim, páscoa, pois eu gosto de celebrar muito... E a minha tia, eu tinha uma tia lá, tia avó, que era ricaça, a ricaça do bairro. Fazia uma festa na casa dela, era uma casa espetacular, fazia umas comidas, aquelas coisas tradicionais de Portugal, tinha essa qualidade, sabia fazer a comida, sabia fazer os doces, era um banquete! E aí eu vi um cara, na minha mãe, entende? Eu pequeno, assim, quatro anos, três anos. Alguma coisa era de energia. E era ele cobrando da minha mãe, o dinheiro do meu pai. Pô, a minha mãe com quatro filhos, sozinha, passando o maior perrengue, o maior perrengue mesmo. Ela trabalhava, fazia tapete pra poder ganhar um dinheiro, meu pai custava a mandar, porque também era jogo difícil aqui. E ela com aqueles filhos, e aquele cara... Eu sentia que era alguma coisa e aquilo ficou gravado em mim, sabe? E acho que foi ali a minha força da minha existência primeira, de dizer: “Porra, não vou deixar isso ficar assim.” Pequeno, eu lembro dessa energia de reação, aqui: “Corra!”, entende? Eu acho que ali foi a primeira. Meu tom de responsabilidade, de solidariedade em relação à família ficou: Que eu era o homem. Conta a lenda que quando eu era pequeno, tinha um ano e pouco, não posso me lembrar disso, mas aí négo... Eu me lembro porque todo mundo repete isso todas as horas, que quando meu pai veio pra cá eu tinha um ano e pouco e diz que eu, num discurso falei: “Agora, eu sou o pai.”

P1 – Você quando era pequeno assim?

R – Um ano e pouco. “Eu sou o pai?.. Assim, você fala com as minhas irmãs, com a minha mãe, e diz Minha mãe já foi também, mas eles contam isso, e eu me lembro disso? Não me lembro, mas me lembro deles falarem isso. E me lembro dessa primeira reação em relação a essa coisa nessa Páscoa, que eu vi a minha mãe deprimida, minha mãe, aí chorava, ficava: “Pô, esse cara!”. Aí depois que vim saber que era essa energia mesmo que eu sentia, que era essa cobrança. Fiquei um tempão com isso engasgado. E há pouco tempo que eu soube dessa história, deles em relação a mim, de querer tanto ter um filho, eu perdoei assim. Perdoei e vi isso como uma coisa positiva, não vi mais como coisa negativa. Ou seja, aquela energia ruim me deu gana pra eu não deixar que a melhor coisa que aconteceu na casa da minha mãe foi o conforto pra eles, automático, entendeu? “Ah, vou ter que comprar!”. Não pensei nisso, as coisas foram indo! E todo ano foi tendo um conforto, que eu fui à luta como pai. Aquele menino, porque eu hoje fico tranquilo em relação a isso, de ser o provedor lá de casa, da minha família, sou eu o cara, entendeu? Isso pra mim não é vantagem, nem desvantagem, é o destino. E se eu puder proporcionar eu prefiro proporcionar do que ser proporcionado. Se você pode ser o provedor é muito melhor a minha situação do que ser dependente. E aí eu me lembro que foi esse cara, entendeu?

P1 – O cara que te deu o nome?

R – Foi o cara que me deu o nome. E que é a única coisa que eu tenho de diferencial com todo mundo é o nome. É um presente espetacular, porque todo mundo lembra de mim, nunca mais me esquece. Eu vou no banco e falo o meu nome, o cara vai contar em casa que conheceu um cara com esse nome. Então todo mundo me reconhece. Eu fiquei muito popular, esse nome me deixa muito popular naturalmente, eu não tenho que fazer nada, só dizer meu nome. E foi ele que me deu. O maior barato esse cara, pô.

P1 – Só depois você entendeu o sentido.

R – É, pois é, presente danado!

P1 – Nessa lembrança, você lembra dessa casa. O que você lembra de lá? Antes de você vir pra cá?

R – Eu me lembro que eu ficava no mato.

P1 – Lembra como era a sua casa?

R – Não, a minha casa exatamente eu não me lembro não, mas me lembro de andar nessa região da minha vó. E nessa região da minha tia também, nessa casa elegante. Porque sabe que quando tu é pequeno as coisas são muito grandes. Então quando você vai lá agora e você vê, você anda, vai a pé em 20 minutos de um lugar ao outro. E eu andava sozinho. A minha mãe ia trabalhar e eu com dois anos, três anos andava pela rua. Como lá também era uma região que não tinha perigo. Era uma roça. As minhas irmãs não gostavam muito de ficar junto comigo, porque as mulheres, sabe? Aí vem me perturbar sobre aquela criança, aquele garoto! Então, eu ficava meio sozinho, sabe? Andava sozinho, dois, três anos. Aí via o sino tocar, aí tinha um enterro, aí eu ia num enterro, lá na casa, sabe? Era pequeno, mas eu tinha uma liberdade muito desde menino. E também era uma coisa meio mística. Porque era assim, a minha mãe era muito religiosa, católica. Extremamente. Ela assim era aquele

povo da inquisição. A minha irmã até hoje ainda é, quem não tá com Jesus tá errado. E eu era pequeno e eu era da minha mãe o mais chegado, porque ela ficava comigo. Meu pai foi embora, eu era o menininho, entende? Era um pai. E eu acompanhava ela, então ela rezava um terço todo dia. E eu rezava com ela, desde pequeno, desde um ano e pouco, todo dia de noite eu rezava com ela. Eu não me lembro, mas ela conta e também é como se eu soubesse, que ela conta isso o tempo todo, que chegou um tempo e eu falei pra ela assim: “Escuta aqui...” É Ave Maria, depois reza Pai Nosso, depois reza Ave Maria, Santa Maria. Aí eu falava pra ela: “Se eu rezar a Ave Maria baixinho, você Ave Maria, eu respondo com a Santa Maria. Se eu rezar os dois vale mais?” Desde pequeno já achando pra ver se levava alguma vantagem em alguma coisa. Eu me lembro que na época se falava muito em Fátima; que a nossa senhora apareceu lá pra os três pastorinhos. Ela apareceu, nos anos 50, acho que 40 e pouco. E a minha mãe contava muito, e eu via.

P1 – Você via a Santa?

R – É, no meio do mato. Como ela contava muito isso, eu também me concentrava pra ver se eu via. E via. Achava que via, eu tinha a sensação que eu via, essa coisa meio encantada, de outra dimensão. Como era pequeno, a imaginação era grande e eu tinha essa sensação, sempre tive, de que eu via e até: “Será que eu sou eles também?” Eu ficava assim, meus ídolos eram eles, que a minha mãe contava. Não era que nem hoje, que você vê televisão. Você não tem muita informação lá no meio do mato, não tem rádio, não tem jornal; eu também era pequeno, não lia, mas hoje um menino de três anos, quatro anos, vê televisão. Na época pra mim isso era a televisão, quando ela contava essa história era: “Caraca!”. Então me lembro dessa coisa mística minha, de rezar o terço com ela, ser companheiro nisso e de ver, dessas coisas também meio transcendentais. Não era toda hora, não era uma coisa de maluco. Via algumas vezes. E depois, há pouco tempo eu fui em Fátima e vi que onde ela apareceu é possível. O negócio...

P1 – O lugar?

R – O lugar é um lugar... é muito lindo o lugar, é um negócio, sabe, a região é meio encantada mesmo. Como é a floresta, como é a Amazônia. De vegetação original, lugares lindos, que tem a vegetação original, são muito antigos. Então tem um... E também quem botou aquilo ali ninguém sabe, ninguém plantou. Então combina com essas coisas encantadas, divinas. Essas regiões, sabe? Então eu tenho essas imagens assim de lá, dessa casa da minha tia. Minha casa mesmo... Aliás, me lembro da minha casa... O que eu me lembro é que minha mãe cozia pão, fazia pão. Então tinha um forno. Porque era uma casa alugada de uma senhora lá. E aí ela também cozia o pão dela no sábado, era um dia por semana que se botava lenha, o forno. E também me lembro de coisas agrárias assim. Tinha um tal de um negócio de desfolhada, que era um negócio de milho. Na hora da colheita do milho, a gente cantava e fazia festa a noite toda. E ficava todo mundo desfolhando o milho. Então todo mundo plantava, porque era uma região que todo mundo plantava. Tinha uva, tinha horta. E a minha mãe também tinha um terreno que ela plantava couve, alface.... E tinha uma pereira muito linda, que eu comia pêra de pereira e até hoje eu como pêra e a pêra de lá. Eu compro...

P1 – Você compra pêra portuguesa?

R – No supermercado é. Porque é aquela pêra que eu sentia quando era pequeno, e aí me dá um gosto bom que tá muito tempo em mim. Aí aquilo ali me aviva e me faz bem. Não que fique eu fique lembrando.

P1 – Mas me diz assim, a Vila Nova de Gaia, que é a cidade que você nasceu, é uma cidadezinha.

R – É, a cidade... A Vila Nova é uma cidade já grande, em relação à gente, mas era perto. Mas a cidade...

P1 – Mas não era perto, você morava numa casa fora da cidade.

R – É fora da cidade, era um subúrbio de... Vamos dizer, um distrito Serzido, é um distrito. Me lembro também do futebol lá. Tinha uns negócios que a gente tentava arranjar um dinheiro com um santinho na época, pra ver se arrumava algum troco. Eu sempre fui chegado a arrumar alguma coisa, arranjar um dinheiro. Sempre pra mim foi o que eu via mais de necessidade era ter uma grana, um dinheiro pra não passar necessidade como aquele homem.. Minha herança. Aquela energia me cutucou e eu toda vez, desde pequeno pensei: “Como é que eu vou arranjar uma grana?” Ia lá com os santinhos, pedia - tem umas festas populares lá que incentivava isso, de você ir, pedir uma graninha, pras crianças e tal. E aí eu fazia isso, me lembro disso bastante lá também.

P1 – Mas você lembra de necessidade em casa, de fome? Você lembra dessas sensações, da...

R – Olha, de lá eu não consigo me lembrar de fome. Acho que lá não me recordo disso. Me recordo de dificuldades... Por exemplo, minha mãe tinha uma dívida enorme na venda. É uma dívida que ela comprava as coisas e a mulher ia fiando, fiando, até que quase quebrou. Essa situação dela quase quebrar a mulher, e aí o marido descobrir que ela tinha, que a gente tinha uma dívida enorme. E era por isso que a mulher estava quebrando a venda. Mas não me lembro exatamente de ter passado fome, me lembro de querer coisas e não ter, mas não me lembro de fome não, lá não. Aqui até me lembro, quando cheguei mais pra cá, mais velho um pouco, me lembro de algumas coisas de fome, mas lá não. Não lembro. Lembro dessas dificuldades, e tu pequeno querendo ver como que tu pode contribuir de alguma maneira. Olha que eu cheguei aqui com cinco anos. Então não era uma coisa de oito anos, nove anos, era coisa de três, quatro anos. De ter sacado isso e ver: “Porra, tem que fazer alguma coisa!”, entende? Essa onda. E era eu, porque eu acho que era só eu que tinha essa cabeça, minhas irmãs não tinham essa cabeça. E também não falava pra ninguém, ficava aquele negócio meio sozinho assim: “Porra, não sei como é que eu vou me virar!” Não tinha muita informação. As sensações eu me lembro de estar agoniado com aquilo e querer resolver. Hoje sobra. Porque é tanta energia pra isso não tem erro. Eu me meto nos negócios e resolvo mesmo, sabe?

P1 – Ficou isso.

R – De infância ficou isso mesmo, a coisa principal da infância. Não tenho problemas de infância não, sabe? Problemas infantis, de carência.. Não me lembro disso não, não tive. Eu não tive problemas de infância, que o cara vai no psiquiatra, psicanalista, se analisar, porque na infância... Pô, no fim o problema era tão grande, era dificuldade de dinheiro da minha mãe, meu pai longe. Eu vou ficar me preocupando com, pô, besteira?

P1 – Mais aí o que aconteceu? Por que vocês vieram pra cá? Como é que foi?

R – Quer dizer, minha mãe forçando a barra, pô, que ele ficou de vir pra cá e chamar a gente. O cara foi danado mesmo, porque se fosse eu acho

que eu largava todo mundo, entendeu? Chegar aqui no Brasil, sozinho, um cara novo. Novo, o meu pai devia ter 30 e... 30 anos, 30 e poucos anos assim. Porra, com o maior mundão aqui pela frente, ter que mandar buscar aqueles filhos, aquela mulher já, que aqui tinha tantas outras muito mais liberais. A minha mãe era católica, devia ser uma loucura pra ele namorar ela, devia ser uma chateação, entendeu? Que ela era uma santa, ela queria ser santa, o objetivo dela na vida era ser santa. Ele aqui! Ai não, o cara segurou a onda. Pegou dinheiro emprestado aqui com alguém e mandou buscar a gente, quatro filhos. Desse tempo eu me lembro uma expectativa muito grande pro navio, da gente vir no navio, chamava North King. Esse navio era a penúltima viagem dele, essa viagem que a gente veio. Depois ele ficou velho e encostaram ele.

P1 – O navio envelheceu!

R – É, o meu tio veio na última. O outro tio, irmão do meu pai. E aí a gente veio, e eu me lembro de uma coisa curiosíssima, que a gente trouxe um monte de lima, porque enjoava e aí a gente tinha uns sacos de lima, lima da pérsia, pra ficar chupando, que a gente trouxe. A gente vinha numa classe bem mais simples, eu acho que era a mais simples do negócio. E que era assim: vai chegar em Cabo Verde, ou em Dakar, algum lugar que o navio vai parar, e vai entrar uns pretos. Eu nunca tinha visto um preto. Que vai entrar uns pretos, eu super curioso pra ver um preto, nunca tinha visto um preto, cara. Aí apareceram os pretos, fiquei completamente decepcionado, porque eles não eram pretos, eles eram marrons. Pra mim preto era preto que nem asfalto. E os caras não eram pretos, achei que negro estava me enganando, essa foi uma grande decepção da minha vida, foi ver um preto, que não era preto. Que eu queria ver preto, tudo preto, não era. Na viagem, me lembro de enjoar, esses negócios. Me lembro também que quando chegou aqui, eu meio tonto, porque era já era de noite, eu já meio com sono, pequeno e tal, e meu pai. E aí a olhar aquelas luzes assim na chegada aqui. Assim, acho que me botaram uma roupa de marinheiro, meio ridículo. Mas o cara tá chegando no navio, aquela roupinha, minhas irmãs também tudo igualzinha, combinando, porque a minha mãe ela era pobre, mas ela tinha uma tradição familiar de meio uma aristocracia, uma aristocracia simples da roça, falida, mas ela tinha essa parada, essa pompa. O meu tataravô tem status em Lisboa, ou no Porto, não sei, alguma coisa assim. Pelo lado da minha mãe, tem uma coisa assim certamente sofisticada, uma burguesia decadente. Mas era isso. Então minha mãe tinha esse negócio de botar a gente muito limpo, muito bordado, as minhas irmãs ela mesmo fazia, entende? Ela não tinha poder, mas ela sabia tinha sabedoria desses assuntos. E dava a gente uma certa classe assim, que meu pai esculhambava. Lógico que eu vou ficar falando bem deles, evidente, que eles Erraram pra caramba, mas super fofos, uns queridinhos, entende, queridinhos. Então, essa chegada aqui me lembro, me lembro que me falavam que meu pai tinha cavalo. Eu cheguei aqui e queria ver os cavalos. Pô, incrível, porque meu pai com cavalo? E que ele tinha uma casa de dois andares aqui e todo elegante. E aí eu cheguei... A rua que a gente foi morar chamava Nova Jerusalém, e dentro da nossa tradição Nova Jerusalém é a terra prometida e tal. E era numa favela, na Avenida Brasil ali, na Baixa do Sapateiro. E a gente morava no meio, mais ou menos, dela. Se subisse mais uns 200 metros começava a favela. É a Baixa do Sapateiro. Mais pra cá, ali é já cobrindo a Ilha do Governador é a Nova Holanda. Que na verdade daí a favela que era lá no morro começou a se expandir, porque as obras do Rio do Janeiro, várias obras que tiveram, aí veio um monte de nordestino e fizeram ali a favela da Nova Holanda, na entrada da Ilha do Governador. E meu pai era incrível, que o meu pai tinha uma carvoaria quando a gente chegou aqui. Ele alugou uma casa pra gente, uma casa que tinha um terreno legal na frente e tinha essa carvoaria mais adiante. E ele também criava uns porcos, desde sempre. Porco é o banco do pobre. Porque aí o resto da comida dá pro porco, o porco engorda, tu como ele ou tu vende ele. Ele tinha esse porco. Há pouco tempo que eu fui entender direito o meu pai, entender assim também o esforço do cara, da onde vem essa parada. Quando nós chegamos aqui o meu pai subia o morro com a bicicleta, com assim querosene, carvão, cheia disso.

P1 – A bicicleta?

R – A bicicleta. Era o Camelo dele. E ele subia o morro empurrando, não era na bicicleta não. A bicicleta servia como uma carvoaria ambulante. Aqui na frente levava os negócios de querosene, aqui atrás um monte de coisas. E ia vendendo de porta em porta um quilo de carvão, dois quilos de carvão, dois litros de querosene, no morro. E isso estava bem, mas de repente chegou o gás, era exatamente nessa parada. E estava a decadência disso. Um esforço desgraçado. Quando eu cheguei eu queria ver os cavalos, os cavalos tinham sido vendidos, porque o cavalo dava um trabalho danado, porque tinha que cuidar do cavalo, alimentar o cavalo. E a bicicleta não. E eu me lembro um dia que... Não vou me lembrar de coisas espetaculares não, vou contar o dia a dia. O dia que roubaram a bicicleta dele! Puta que o pariu! O dia que roubaram a bicicleta do meu pai ele rolava no chão de sofrimento, rolava mesmo! “Como que amanhã eu vou carregar nas costas?” Era a sobrevivência de nós todos. Roubaram a bicicleta dele. Eu pequeno vendo aquilo. E também não entendia direito, não conseguia ligar tanto aquele sofrimento de perder a bicicleta, só via, mas com o tempo eu fui: “Cara, agora que eu entendi, o cara perdeu a loja.”. A loja que ele levava. Já era um esforço do caramba levar aquilo, andar o morro inteiro vendendo de porta em porta fiado.

Me lembro de outra coisa espetacular dele, que ele era analfabeto, mas ele inventou um negócio que eu ia com ele. Na época começou a vir a energia elétrica pra esses morros, ou roubaram, eu sei que começou a rolar. Então nego começou a ter acesso à rádio. E aí ele vendia um transformador que nivelava a luz, pra luz não cair. E ele sacou isso. E ele fazia que nem o... que nem o Sílvio Santos, que ele inventou: ele vendia um carnê que você pagava em vinte vezes, por exemplo.

P1 – O transformador.

R – O transformador. Aí ele vendia em vinte. Aí cada um pagava um real, em vinte vezes. Aí ele sorteava quem ganhava primeiro. Era um consórcio, na verdade. Mas assim, do nada, não tinha consórcio, ele inventou aquilo. Não sei onde ele pegou aquilo e começou a vender aquilo. Na época que começou a parada a ficar ruim, ele conhecia todo mundo, todo mundo confiava e ele começou a inventar isso aí pra ganhar uma grana. Então ele inventou isso. O meu pai, analfabeto.

P1 – Isso depois do carvão?

R – Depois do carvão.

P1 - Porque o carvão caiu?

R – Caiu e ele teve que parar com o carvão. E aí a barra ficou pesadona lá em casa mesmo. Tinha quatro filhos aqui. Aluguel pra pagar. Aí minha mãe chegou e deu uma peitada no negócio, falou: Eu aprendi a fazer uns negócios lá de tapete...”. Em Portugal, que ela fazia o tapete arraiolo, um negócio de arte assim que ela fazia. Aí ele descobriu um cara que tinha tapete e de sisal. Aí começou a fazer bolsa.. Um tempo atrás não tinha plástico. Bolsa era muito importante, porque não tinha sacola plástica, todo mundo tinha que ter bolsa pra ir na feira, ir no supermercado. E essa

bolsa era um tapete que o cara botava umas flores, imprimia umas flores e aí a gente dobrava o tapete, costurava ali, costurava aqui, botava uma alça e vendia aquela bolsa de sisal, bonitinha e tal. Aí minha mãe forçou meu pai. Minha irmã começou a trabalhar numa fábrica de camisa. Meu pai, com a minha mãe, começaram a ir pra feira vender essas bolsas. A gente fazia e aí eu comecei a ir também.

Então desde sete anos. O primeiro trabalho que eu me lembro de ganhar dinheiro foi carregando tijolo. Eu tinha uns seis anos, sete anos, e eu ajudava nas obras. Nas obras de um amigo do meu pai que estava construindo lá uma casa e aí eu ajudava o pedreiro a levar tijolo. E ganhava um dinheiro por mês, que eu dava lá em casa todo, mas ganhava um dinheirinho já pra ajudar. E me lembro também uma coisa... Hoje eu me lembrei, que sabia que ia vir pra cá, de uma primeira ação minha mesmo assim, de justiça e roubo. Minha irmã foi comprar batata e eu fui junto. Eu sei que eu cheguei em casa com uma batata no bolso e dei pra minha mãe. Minha mãe: "O que você pegou essa batata, você pegou...". Aí sabe o que era? O cara, pra interar um quilo, ele tirou uma batata grande e botou uma pequena. Eu achei que ele: "Porra, tirar a batata grande e botar uma pequena?" Eu não entendia de quilo, não sabia o que era quilo. Eu sei que ele tirou do meu saco uma batata grande e mandou uma pequena. Eu peguei a batata grande e botei no bolso. Aí a minha mãe fez eu voltar lá pra devolver. Caraça, mano! Devolver a batata. Aí eu fui devolver a batata. Entregar a batata. E ainda mais que a gente falava português de Portugal. Então era aquele pequeno que todo mundo ficava sacaneando, entendeu? Então, me lembro desse grande momento meu da vida de fazer justiça com as minhas próprias mãos, na batata.

P1 – Então, a sua irmã tá na fábrica.

R – Na empresa. Aí a gente começou isso que a gente achava que era camelô, porque o rapa vinha e levava a gente, mas a gente na verdade era artesão que vendia, como se fosse um pré hippie, sabe? Porque a gente comprava as coisas e fazia, mas não faturava, era um artesanato. Mas não existia isso de artesanato. Então a gente se enquadrava no camelô. Então me lembro que eu estudava, quer dizer, porque uma coisa era fundamental, minha mãe queria que a gente estudasse. E convenceu meu pai dessa necessidade. Então a gente estudava e eu ajudava eles a fazer as bolsas e a vender as bolsas na feira. Então eu, de pequeno, vinha e conhecia a zona Sul todinha, porque a gente morava lá em Bom Sucesso. E aí eu vinha com eles pra cá.

E aí de andar sozinho no ônibus, eu oito anos, nove anos, eu ia pra lá, porque eu chegava mais tarde, que eu estudava de manhã. Então eu só ia de tarde. Quando chegava fazia as bolsas e assim, não reclamava não, não achava nada ruim não, achava tudo legal. E comecei a ficar muito vivo, comecei a conhecer outros lugares, sair da minha região. Um problema muito grande da juventude, da garotada da favela, é porque ela não tem como sair, ela não conhece ninguém fora dali, ela não tem grana pra ir nos lugares. Então a única grana que tem é vender um bagulho. E essa coisa do trabalho me fez ir pra Copacabana, aí eu dava um tempinho aqui ia na praia, olhava a praia, falava: "Vou tomar um café ali e tal." Aí saía, me deixavam sair um pouco... Esse negócio parece um tratado de economia, de dinheiro. Mas era... Quer dizer, o que movia a gente era essa sobrevivência, subsistência. Era desde pequeno que tem que pagar o aluguel de casa, tem que pagar o colégio E eu estava envolvido desde pequeno, não era separado, essa crise rolava no cotidiano de casa.

E eu me lembro que eu queria algum dinheiro pra mim, que eu mesmo trabalhava pra ganhar. Eu não via dinheiro, ninguém me dava. Eu queria depois às vezes ir num cinema, ir em algum lugar assim, não rolava, não. Eu pequeno, pequeno ainda Até dessa necessidade do cinema, ter algum dinheiro pra mim, que eu dava pra eles e eu queria ter um dinheiro. Eu me lembro na feira, por exemplo, a gente ficava meio... não dentro da feira, mas na periferia da feira, porque a feira era barraca e tal, era no chão, então eu falava assim: "Vou ali, deixa eu ir ali." Os caras vendiam limão, os camelôs: "Olha o limão!". A mão cheia de limão por um real: "Um real, um real!" Aí caía um e era tanto que caía e eu pegava um; aí daqui a pouco pegava outro, aí juntava uma mão e vendia. A minha capacidade de me virar. O vendedor de limão é o mais baixo grau da feira e o que sobrava dele eu vendia. Só que era difícil de eu vender, era contraproducente o negócio. Tinha os neguinho, pobre assim, quem vende limão é os caras mais pobres, aqueles negão mais estragado. Eu era um garotinho branquinho, tudo arrumadinho, entende? Porque a minha mãe botava a gente limpinho. Não era rasgado, não era esculhambado. Então era: "Pô, você é filho de madame, tá aqui vendendo." Levava esporro ainda, e aquela mãozinha assim, mas sempre vendia e botava um real no bolso e ficava como se eu não tivesse nada, sabe? Porque eles podiam descobrir que eu tinha e iam me pegar o dinheiro. E ficava: "Pô, depois de ter passado por esse negócio." A maior aventura. Tinha que ficar ali como quem não quer nada. Me lembro desse tempo de infância, desses momentos.

A vida era isso mesmo, a única coisa que era encantada era essa experiência que eu estava tendo na vida. Esse negócio de pegar um ônibus sozinho e ficar no ônibus olhando e indo por lugares. Na escola ninguém tinha ido onde eu ia, a minha vida era completamente diferente de todos os garotos pequenos. Pegava um ônibus sozinho pra Copacabana. Então eu comecei a ficar muito mais esperto.

P1 – Me explica: você entrou na escola, que escola era essa e onde ela ficava?

R – Em Bom Sucesso mesmo, uma escola pública. E aí eu me lembro que quando eu entrei na escola era engraçado, porque eu não sabia nada do ensino normal. Eu me lembro que eu fazia o teste pra ver e eu não sabia pra que era, não sabia o que era teste, não sabia o que eu estava fazendo. Me botaram num lugar, aí mandaram eu responder os negócios e eu respondi e não era nada daquilo, que eu também não sabia o que era. Porque assim, aquilo hoje em dia você aprende, vai pro Jardim - não era Jardim, eu tinha seis, sete anos e fui pra aprender a alfabetizar...primeiro grau que era. Aí fui e aí não sabia que era teste. Aí eu me lembro que quando eu comecei a entender a parada, a professora dizia assim: "Ih, o Perfeito tá melhorando muito, ela tá melhorando. Agora ele tá começando a fazer as coisas direito." Eu me lembro que eu ficava atrás na sala, eu só me lembro disso. E falava prova, eu não sabia o que era prova.

E eu lembro que eu ficava com o lápis, vendo se o lápis estava afiado. E botando na bochecha. Eu me lembro disso. Lá trás que eu ficava, botando na bochecha e com a gilete, ou com o apontador para ver se estava afiado. E aí eu me lembro da prova... Que depois ela me mostrou as provas, toda estragada assim, que nem criança que fica fazendo antes de saber que é prova. Era aquilo, porque eu era aquilo. Eu não sabia nada, ninguém nunca me ensinou nada. Aí falava: "Você sabe as vogais?" Aí eu... "Você sabe contar?" Aí eu... Eu não sabia que contar era contar, a palavra contar era contar um, dois, três. O que era vogal, eu não sabia o que era letra. Ela depois me mostrou, aí eu tirava seis, a prova valia 100, eu tirava seis, não tinha noção do que era a prova. Aí depois comecei a tirar 60, 70, 80. Eu comecei a entender o negócio. E não era burro. Me lembro da escola também, que era uma solidão grande, porque lá em casa ninguém cobrava. A minha mãe era de Portugal, não tinha noção, não estudou aqui, não sabia ler. Então meu pai não sabia ler. Aí me lembro também da roupa que a gente vestia, por exemplo, a minha roupa era da saia da minha irmã que eles faziam um calção daqueles de elástico. Que faziam pra mim, porque não era muito fácil ter dinheiro. Me lembro que uma vez eu tive uma pasta, porque eu não tinha pasta. E aí tinha um neguinho lá do morro, que morava no morro, chamava Moacir. E na época tinha o Gerônimo, que era o grande seriado da rádio, era o Gerônimo, o herói do sertão. E eu me sentia o Gerônimo. E tinha o moleque Saci, que era o neguinho, e eu achava que ele era o moleque Saci, nós brincávamos de moleque Saci e de Gerônimo. E o Gerônimo é que era o

chefe. E o moleque Saci era o moleque Saci. Até que um dia ele me peitou, e eu fiquei com medo dele. E pô, fiquei muito preocupado, porque o Gerônimo não podia levar desmoralização do moleque Saci. Foi a primeira vez que a realidade mexeu na ficção de um jeito que tive que me humilhar, porque ele ia me pegar de porrada. Bem, ele me deu a pasta dele velha, você vê o nível de carência, de falta de estrutura que a gente tinha. O cara pobrão lá da favela me deu a pasta velha pro Gerônimo, que era o cara. Teve que aceitar se humilhar e pegar a pasta rasgada do coiso.

Era assim, eu comecei nessa escola primária, depois até sofri muito porque a gente mudou. Eu fui morar em Ramos. Ali que hoje é numa rua bacana, mas hoje ali já é o Alemão, o Alemão cresceu muito, o Morro do Alemão ali perto da igreja da Penha. E aí eu tinha que pegar ônibus cara, pegava o 38, para poder ir pra essa escola primária. Aí sofria bastante, porque chegava tarde. E levava cada esporro na escola. Porque todo mundo chegava, pô, só que eu andava 40 minutos de ônibus pra chegar, entende? Pequeno... E aí o ônibus atrasava e eu não sabia me explicar. Eu também nunca tive muito a parada de ser vítima, sabe? Nunca cultivei esse personagem, sempre tô me resolvendo, tô me resolvendo. Quer dizer, na verdade, até hoje eu acho que os professores têm muita pouca sensibilidade para os indivíduos. Eles não percebem os indivíduos, eles querem enquadrar você naquilo que ele acha que é saber. E não no saber de cada um que possa ser desenvolvido, que é o que hoje eu trabalho, que é desenvolver o cara, não é um sistema, não é um modelo, é um cara. Aí depois o modelo vai sendo criado. Mas não era assim. A escola de pobre é muito autoritária. O pai não cuida muito, não vai, a escola é de graça. Então o professor não tá nem aí, enquadrando você. Eu sofri um pouco na escola. Dependendo também da professora. Eu me lembro de grandes professoras que eu tive, que aí tudo funcionava. Tudo ficava bom.

P1 – Qual professora assim te marcou?

R – Eu me lembro de uma. Acho que chamava Margarida, ela morava aqui, eu até hoje eu passo nessa rua e me lembro dela, é Tavares Bastos, ali no Catete. Ela era bonita. Eu tinha uma certa queda por ela também, e ela me levou em Itaipava. A primeira vez que eu viajei e foi difícil pra viajar, porque meu pai e minha mãe eles eram muito “Por que você vai?” Porque não tinham noção desse social. Engraçado, que era na Avenida Brasil, e eu via muito esse ônibus passar, que eu às vezes olhando ali a Avenida Brasil. E aí fui pra Itaipava, ela tinha um sítio lá, uma casa em Itaipava com piscina. Pô, ali ela fez uma prova, os dez primeiros que tirassem aquilo ali iam, e eu passei. E aí pra convencer o meu pai, ele dar o dinheiro pra passagem, doideira! Mas consegui, chorando, chorando, tal, consegui. Dessa escola assim, me lembro de um momento também absurdo que, intermediando isso, meu pai e minha mãe me resolveram me botar no colégio interno. Pô, passei altas, cara, sofri pra caramba com isso.

P1 – Você foi pro colégio interno?

R – Fui. Porque o colégio interno era um castigo. Eu não sabia o que era o colégio interno, mas eu via eles, quando eu fazia alguma coisa, que eles achavam que era errada, ameaçar com colégio interno. Então pra mim o colégio interno virou o cão. A preocupação da minha mãe era um pouco assim, a favela era ali. Todo mundo que jogava bola, a garotada, ela achava que era vagabundagem. Então várias vezes o meu pai foi me pegar de porrada, me dando porrada no meio dos meus colegas, jogando bola “Tá se metendo com vagabundo e jogando bola...” E eu fazia as bolas, cara, porque era bola de borracha. Não tinha bola de couro, a bola era de borracha. E eu fazia. A gente não tinha dinheiro pra comprar bola, eu fazia bola de pano, aí molhava, aí depois pegava saco de cimento amarrava, aí ficava uma bola, sabe? A gente jogava até a bola abrir. E aí no meio ele me pegava, me tirava, meio humilhado assim no meio desse negócio. Ficava chateado. Mas era preocupação que eles tinham, pra eu não virar vagabundo. Eles tinham que me manter sempre fazendo alguma coisa, trabalhando... Estudando nem tanto que eles não tinham noção disso, não tinham aprendido, como é que eles iam tomar conta? Mas assim, vagabundagem, ficar parado sem fazer nada, pra eles era ruim. Então aí me botaram. E o colégio interno era perto da nossa casa. Era uma igreja que eu já frequentava e me botaram nesse colégio interno. Aí a primeira noite, cara, puta que o pariu ali num lugar diferente, com um monte de cara. E aí eu continuava estudando na mesma escola e ao invés de ir pra casa, ia pra esse colégio interno. Porra, passei apertado nesse colégio interno.

P1 – Mas Perfeito, deixa eu entender, você tinha quantos anos nessa época, mais ou menos?

R – Oito, nove.

P1 – E não era bem um colégio interno.

R – Não, não, não. A gente dormia lá na igreja, tinha um dormitório, tinha um dormitório grande. Devia ter uns cem garotos, que tinha a escola dentro da igreja também, mas como eu já estava matriculado na outra, eu continuei na outra. Então eu saía para a escola e eu voltava pra lá, comia lá, almoçava lá. E os garotos eram tudo de longe, não moravam por ali, só eu morava e me sentia meio no castigo, porque aquilo foi uma ameaça porque eu fiz coisa que eles achavam ruim. E de encontrar com os outros no domingo, com os outros também que eu conhecia, as pessoas que iam à missa, as pessoas que eram coroinhas. Eu fui coroinha, eu ajudava a missa.

P1 – Isso começou lá dentro, essa sua vida de ser coroinha?

R – É, na igreja, começou porque a minha mãe me botou. Isso, na verdade, também foi salvação pra mim, porque um monte de guri da minha época virou bandido. Quer dizer, os mais espertos viram bandidos. Os mais covardes viram polícia. Que aí tem uma arma, tem um distintivo, mas é a mesma coisa, tanto faz de um lado, ou do outro, é a mesma coisa. Só que o outro tá mais desprotegido. Hoje em dia nem tanto porque hoje em dia tem que ter coragem pra ser polícia. Mas eles vão muito por facilidade, ter uma arma, é um pouco por isso.

Bem, então nesse tempo eu penei um tanto, mas uma pena infantil, que é essa. Do colégio interno. E eu ouvia uns barulhos esquisitos nesse colégio interno e mais tarde eu vim a saber essa coisa, depois que eu saí já... Eu já era um pouco maior, devia ter uns dez anos, eu estava jogando bola na rua, que eu sempre gostei de jogar bola e era assim meio liderança, organizava, de pequeno, sabe? Isso era considerado vagabundagem pelo meu pai e pela minha mãe. Aí via um cara chegar: “Perfeito! Perfeito!” Falei: “Quem é esse cara?” Eu todo com a maior vergonha, jogando bola. Era o sacristão, que era lá o maior viadão. E comia os garotos todos. E eu escapei disso, porque comigo não rolou. Os meninos, aquela promiscuidade masculina, todo mundo junto e tal. De repente rolava uma parada. Quando eu cresci, cheguei na minha mãe e no meu pai: “Porra, cara, vocês...” Aí eles eram tão ingênuos, minha mãe não sabia nem o que era isso cara. Porque depois ficou esquisito, porque esse sacristão casou. E aí houve um pedido ao Papa pra tirar, descasar. E era por causa disso, mas tarde eu vim e falei: “Como é que vocês não viam? Quando o cara veio, eu vi, pô, os caras já eram grandes, não percebiam que lá na igreja era essa parada que rolava. Os garotos pequenos ficavam lá.

Então, passei por esse negócio.

P1 – Mas isso não se comentava, os meninos não falavam entre si sobre isso?

R – Eu sentia.

P1 – Tinha uma coisa estranha?

R – Assim, tinha um negócio, todo mundo mijava na cama. Eu não entendia o que é esse negócio de mijar na cama, sabe? De pequeno. Esse negócio eu nunca falei pra ninguém. Mas eu não tenho problema com isso, porque depois eu comecei a ver que esses lugares todos são assim. Os seminários são assim, todo lugar que tem muito homem é assim, ou muita mulher. Incentiva isso, cara. E eu não gosto... Não acho isso uma coisa boa. Eu não tenho nenhum problema com o homossexualismo, o cara ser homossexual. Agora, em pequeno, o cara mais velho comer os garotos, porra! Não é legal. Não é legal. Não dá pra você dizer: “Não, tudo bem, o que tem a ver o homem com homem?” Não, não tem nada, não é o homem com homem, é criança com adulto. Então eu passei por esse negócio ali.

E assim, como eu também era meio de fora, eu ia estudar fora, eu conservei um negócio assim meio à parte, sabe? E os caras também que me conheciam, até esse Severino mesmo, meio não me botavam na roda desse negócio. Eu sentia que tinha um negócio estranho, esse negócio de fazer xixi na cama, que eu não entendia como é que os caras de 12 anos, 13 anos, ficavam fazendo xixi na cama, cara. E aí era um pouco isso, não sei se era nervoso desses meninos de estar naquela parada sem saber como prosseguir. Quer dizer, passei pelo meu momento Michael Jackson. Escapei ali.

Ah, esse tempo, é tanta coisa que aconteceu nesse tempo. Então, falei agora desse negócio que eu queria falar. Muitos meninos passam e é legal prestar atenção nisso. Falando do primário da escola, ainda dessa área quando veio o colégio interno, me livraram do trabalho, que eu me lembro até que eu estava juntando figurinha, faltava duas figurinhas pra eu completar o álbum, pra eu ganhar uma bola, cara! Aí me tiraram o trabalho, que era onde eu ia vender aquele limãozinho. E aí fiquei naquele colégio com a porcaria do álbum sem preencher. Isso que eu lembro que crianças são esses os problemas deles. Fiquei com uma raiva do meu pai e da minha mãe que me tiraram minha fonte de renda.

Então é assim, sempre assim, primeira comunhão, ajudando na igreja. E outra coisa que eu acho que foi fundamental nesse lugar, a gente teve acesso ao teatro. E eu comecei a fazer teatro nesse lugar. Chamava-se “Corpo Cênico Nossa Senhora dos Navegantes”, que era o nome da igreja, era Nossa Senhora dos Navegantes. A minhas irmãs faziam teatro em Portugal, pequenas, lá na igreja, e aí começou; não sei como é que começou. Um cara também que entendia de teatro, chamava Vanderlei, e aí tal. Aí a Vida de Cristo, a gente fazia a Vida de Cristo, aí eu fazia o São João, na Vida de Cristo. Assim, com nove anos, que era o apóstolo mais novo, como as minhas irmãs estavam me deixavam acompanhar também. A gente fez uma peça de teatro só de menino, chamava “Tarcísio, o pequeno mártir da eucaristia”. E sabe quem fazia o papel principal? Não era eu não, era outro cara. E eu querendo fazer o papel. Era um que falava assim, um cara com a língua presa, falava: “Tá acesso.” E, pô, eu todo arrumado, não me deixavam. E o cara falando: “Não, esses teu papel é o mais difícil, porque o teu papel você é romano e de repente vai se converter ao cristianismo. Então você tem que ter aquela cena...” Que eu olhava o lado de fora como se eu tivesse é: “Atiram-lhe pedras, sangue. Não, Tarcísio não é cristão. Não, ele não é cristão.” Aí todo mundo chorava. E como se eu tivesse vendo lá do bastidor isso acontecer: “Atiram-lhe pedras...” Não aparecia a cena, era só descrição. Aí eu tive acesso a esse negócio de teatro e comecei a fazer um monte de teatro lá na igreja e esse negócio ficou dentro de mim, ganhei também de presente nesse lugar. Não só essa confusão, como o teatro.

P1 – Isso tudo dentro do mesmo colégio?

R – Na igreja, na igreja. A igreja é que me apresentou essas coisas, peças sacras. Aí daí começou depois a ter peças também populares. Aí coro, a gente cantava, tinha um coral, desde pequeno eu canto em coro, latim, esses negócios todos. Cultura religiosa e o entorno. Cinema também passava de vez em quando. Era interessante. Foi a minha formação assim desse primeiro grau. E depois, já no ginásio aí eu fui pra escola paga, que a gente não tinha muito acesso, colégio de segundo grau era mais difícil de você ter bolsa, ou entrar. Também não tinha muita informação meu pai, minhas irmãs começaram a estudar nesse colégio, chamava Luso-Carioca, hoje é Assuã, que até o reitor me chamou agora pra coordenar lá um negócio, me dar uma parada, queria que eu fizesse, mas eu não. Quer dizer, na verdade, ele é o neto do filho do meu diretor, que era esse Augusto Mota. Ele é o bisneto do cara que era o meu professor, já é o reitor da Universidade. Eu sou antigo pra caramba! Orra!

E eu me lembro também do meu pai, os grandes momentos dessa escola também era isso, que a gente às vezes não conseguia pagar a escola. Aí de novo a diretora, naquela época era mais escrota a coisa, meio envergonhava a gente, não podia entrar, porque não pagou. Eu tinha uns dez anos, onze anos. Eu estudar nesse ginásio. E aí ficava meio humilhado também. Essa parada... E eu me lembro da bicicleta do meu pai e eu olhava: “In, meu pai tá aí!” Que ele também sempre com bicicletas. Ele já comprou outra depois daquela que roubaram. Faz tempo. E aí eu via a bicicleta, ele devia estar negociando com a diretora pra pagar depois. Às vezes era um alívio, porque aí a gente se livrava um pouco daquela perseguição. Porque era assim, como a minha mãe, apesar de não praticar essa coisa da educação, porque não sabia como, mas ela botou a gente “Tem que estudar de qualquer maneira.” E aí se não é num colégio particular pago, mas tem que estudar, entende? E aí a gente foi pra esse lugar que pagava. Então quatro filhos estudando pra pagar, imagina hoje isso. É uma grana colégio particular.

Lá nesse colégio, que dificuldade, cara. Dificuldade também. Isso foi uma vida miserável. A minha vida só tem sofrimento! Mas era incrível, porque aí nesse tempo me empregaram, eu fui trabalhar de office boy, aqui em Botafogo, na Visconde Silva, chamava Colégio Brasileiro de cirurgiões. A gente tinha uma amiga que trabalhava lá, precisava de um boy, aí eu fui trabalhar. Já tinha essa esperteza de zona Sul...

P1 – Isso você tava com?

R – Dez anos.

P1 – Dez anos.

R – Dez, onze anos.

P1 – E só pra eu entender, seus pais estavam na história da feira ainda?

R – Estavam.

P1 – Vendendo sacola, era isso?

R – Vendendo bolsa. E aí a gente foi.. Eu fui pra esse lugar. Aí ganhava. Me lembro que ganhava quatro - o salário, vamos dizer, era oito, e eu ganhava meio salário. A fome, eu me lembro dessa época. Com essa idade de dez, onze anos, tu tá comendo pra caramba, tu é menino crescendo, pô.. A idéia era pegar um ônibus em Bom Sucesso, o 70, que era Bom Sucesso-Leblon, ele vinha pelo Jóquei e eu saltava na Real Grandeza até a Visconde de Silva pra esse lugar. Só que eu tinha fome, aí eu pegava o trem em Bom Sucesso, às vezes pegava e ia pelo mata burro pra não pagar o trem. O mata burro é assim: tem uma vala aqui em baixo, que só tem a linha do trem, pra nego não passar. Aí você vai se equilibrando no trilho pra poder passar por ali, disfarça e tal. E aí só pra sobrar dinheiro pra comprar três pães, que eu tinha fome de três pães, três bisnaguinhas, três... E aí só dava pra uma, e aquele dinheiro eu juntava pra fazer lanche, era pra isso. Porque o dinheiro todo eu dava pro meu pai e minha mãe em casa, sem nenhum problema, não me sentia explorado. Nunca me senti explorado, nunca, porque eu tinha consciência da necessidade do todo. Tinha mesmo, sempre tive. Não tô tirando onda não. Dava em casa e via se eu conseguia alguma coisa. Então, por exemplo, economizar na passagem. Se eu conseguisse ir no ônibus sem pagar, entendeu? Arriscando isso, arriscando as minhas... Os meus direitos, o meu limite. Isso aí eu podia.

Agora, avançar e achar que esses quatro paus que eu dava pra eles eu tinha direito, porque estava... Besteira, isso é coisa pra psicanalista, não é coisa pra mim não. Esse tempo era isso. Eu entregava carta, entregava as convocações do colégio, e eu ia fazer o serviço de boy. E realmente muito esperto. Na escola, então eu passava apertado por isso. Porque assim, a professora ficava explicando um negócio e eu entendia imediatamente. A coisa de matemática, qualquer coisa, porque eu era muito vivo mesmo, cara. Mas ficar ali, aí repete, aí eu já estava noutra, dispersão, aí já enchia meu saco, não tinha paciência, entende? Já estava distraído, aí já expulso de sala, porque estava perturbando. Eu não entendia direito, só que eu reagia àquilo. Então eu fiquei famoso na escola. Toda hora vai ser expulso de sala. E aí eu gostava mesmo era de educação física. Virei o maior chefe de educação física. Aí já estava noutra coisa, já brincando aqui fora, super ativo.

E aí ficava de castigo, ficava de castigo e aí me botavam de castigo, eu entrava aqui em Botafogo às duas e meia, era a minha hora. Então tinha que sair de lá à uma e meia, que era o ônibus uma hora que demorava. Aí nego me botava de castigo, cara, de tarde. Aí eu ficava até duas horas, aí tinha que chegar em casa, aí contar que eu fiquei de castigo... Ih! E aí cheguei pra trabalhar. Era jogo duro, jogo duro. Então eu repeti alguns anos no começo assim, no ginásio eu repeti. Não era muito fácil pra mim não, porque aí eu entendia, era aquele negócio, matemática você entende, mas daqui a pouco você tá distraído. Aquilo tem a ver com aquilo que tem a ver com aquilo. Aí... perdia. E aí eu tinha esse negócio de ser esse aluno médio pra ruim.

O ginásio também se demonstrou, aquele carinho que às vezes no primário tinha da professora não tem mais. Era uma coisa fria assim, um cara dá aula de inglês, o outro de francês, o outro de matemática... Vários professores, não tinha ninguém responsável por aluno nenhum. Cada um ia lá dar a sua aula e ir embora, não tinha uma relação afetiva. E isso pra mim faltava. E aí eu me atrapalhei. Mas aí grande passo meu... Eu fiquei famoso, cara, fiquei famoso de uma hora pra outra, cara. Famoso, mesmo, famoso do meu retrato ficar no quadro de honra da escola. Primeira vez o colégio entrou num tal de jogos infantis, que era negócio da primavera, que nem os jogos olímpicos, de colégio. O colégio nunca tinha entrado. Aí o professor de educação física me indicou: “Pô, esse cara aqui.” O Xavier, professor Xavier. Ele era também sargento do exército, eu também tocava na banda com ele lá. E era essas atividades paralelas que eu gostava, porque eram muito livres, não eram aquela coisa de escola: “Correr, jogar bola!” Era uma coisa que dependia de você. Era tu, era o teu desenvolvimento, a tua performance. Essas coisas sempre me entusiasmarão, isso. Tocar. Era eu, tocar. Tocava, tocava, tocava bem.. Se tocasse bem era eu. Aí me chamaram.. aí indicaram.

E aí, cara, pra convencer meu pai de deixar eu ir? E a minha mãe? Era um domingo lá em São Januário, no campo do Vasco. Eu também não tinha nem noção que era isso, que a gente não tinha, não existia televisão, nunca tinha visto televisão. Essas coisas de olimpíadas não chegava, não tinha. E aí eu ia disputar os jogos. Aí eu falava em casa: “Meu pai, pô, será que ele vai deixar ir.” Aí falava: “Que conversa rapaz. Coisa de vagabundo, cara, negócio de esporte, de vagabundo.” Aí o diretor da escola, cara, o cara era casado com a filha do dono da escola, Augustinha e Aquilino, que era o cara, Aquilino, foram com o maior carrão preto na minha casa, pra me buscar, porque eu não aparecia. Descobriram onde era a minha casa, estava na hora de ir. Aí eu falando com o meu pai: “Poxa, os caras estão aí.” “Ah, quem é?” Aí foram lá dentro, convenceram meu pai de me levar, deixar me levar. Aí eu ganhei um monte de medalha. E eu não sabia que eu era bom, eu só era. Aí só podia disputar três coisas e eu comecei a disputar mais, aí ganho, mas não podia mais. Só que eu tinha 12 anos, era de 11 a 13 que era a categoria, e eu tinha 12. E aí assim, na hora de correr tinha aqueles negócios que bota a perna assim, nunca tinha visto aquilo, aí: “Como é que faz?” Não sabia também o que era disputa direito, sabe? Eu sei que me botaram lá, me ensinaram como é que era. Cara eu pá! Tirei segundo lugar. Aí no arremesso de pelota tirei em primeiro lugar. E eu fui o único que ganhei medalha da escola, cara. Saiu no jornal, o jornal dos esportes, uma foto minha. Essa foto eu tenho que achar isso, com esses 12 anos. A primeira vez que eu saí no jornal. É que ganhei essas medalhas, aí, cara! Pô, eu falei: “Não é possível. Pô, eu ganhei!”

Cheguei em casa e não sabia nem como comemorar, porque ainda estava aquele negócio: “Pô, deixei, mas...” Sabe? Meu pai, minha mãe, a ignorância, santa ignorância, eles não sabiam. Também não tiveram acesso nunca àquilo, queriam mais era me proteger de alguma vagabundagem, que eles achavam. E eu com aquilo dentro de mim assim, sabe? “Ganhei...” Sem poder muito comemorar, que eu não sabia o que era comemorar também direito, se eu podia comemorar aquilo, que aquilo era coisa de vagabundo, vamos dizer, lá em casa era tido como isso. Aí me levaram de volta, uma consagração. A escola. Aí minha foto. A diretora já ia conversar comigo. Às vezes a aula começava e eu chegava mais tarde na aula “Não, mas ele...” Me botava assim como uma grande atração da escola! Pô, virei a maior onda, cara. E me deu outra coisa nisso, olha só que coisa mais sensacional a ignorância o que é. Aí os caras começaram a exagerar comigo, me botavam em tudo quanto era esporte, entende? Me lembro que eu fui jogar basquete, eu era pequeno, nunca tinha jogado basquete pra valer. Brincava na escola. Aí fui aqui no Mourisco, era no Mourisco. Aí a gente perdeu de sete a dois no basquete. Olha o placar, sete a dois. E aí sabe quem fez o dois?

P1 – Ahn?

R – Não, eu não. Eu fui expulso, porque eu não entendia, o cara: “Você não sei o que, vira de costas...” Porque tinha que tinha que botar o número, o número na frente e atrás, mas nós era só atrás, que a gente era pobre, o colégio também era pobre. Mandava virar e não estava entendendo, que eu não sabia o que era falta. Sabe? Joga lá, bate lá e joga. Agora, se foi falta, com cinco faltas tu sai. Aí eu não sabia, só sabia depois. Aí: “Vira!” E eu não entendia o que ele estava querendo dizer, aí mais uma falta! E pô, me expulsaram, com cinco faltas. Aí depois eu fui jogar futebol, também disso. Me lembro que era lá na Barão de Mesquita. Nessa época meu pai vendia bolsa lá e na Tijuca, perto desse negócio. E era assim às cinco horas, que era o jogo. E aí eu vendendo bolsa ali, entende? Querendo falar pro meu pai: “Pô, eu tenho que ir ali.” Deixava pra última hora, aqueles garotos cagão. Aí disfarcei, falei que ia tomar um café. Fui lá, o maior torneio, cara, e eu escapando de vender bolsa no meu pai, cara, loucura! E aí fui lá também e perdi. Eu não era goleiro, jogava na linha, mas esse meu jeito de tentar resolver,

ajudar a resolver, entende? O goleiro nosso foi considerado mais alto do que podia. Aí: “Quem que vai agarrar?” Aí eu falei: “Pô...” Estava a maior confusão: “Pô, eu agarro!” E fui garrar. Aí perdemos de três a um, não era meu negócio, até me lembro que um foi meio frango meu, entende? Mas era pra resolver; Resolver e acabar logo pra poder voltar! Isso era o negócio da vida das pessoas e pra mim era um negócio assim que... ,eu negócio era o meu pai ali com a bolsa. Porque assim, mesmo eu trabalhando no Botafogo, no negócio, sábado e domingo eu ia ajudar meu pai na feira também. E eu voltava pra casa e ainda fazia bolsa também.

Por isso que eu acho que eu não tenho nenhum problema de infância, não dava tempo de pensar problema, sabe? Na minha infância sempre vejo esse negócio assim, era uma infância de trabalho. O que mais me ligava era ajudar a resolver meu problema familiar de subsistência. E isso não me causava grandes problemas existenciais. Nunca me considerei pequeno. Engraçado isso, por isso que eu me identifico muito com o povo indígena. Eu lembro do Bira, esse meu amigo que é meu compadre, que uma vez eu levei ele pra falar do couro vegetal na universidade, ele dar um palestra, e aí os alunos provocadores, de esquerda: “Ah, eu sei que lá na coisa de vocês existe esse negócio de trabalho infantil. Como é que é o negócio de trabalho infantil lá?” Eu falei: “Caramba, o Bira vai se enrolar agora, porque as crianças lá trabalham.” Aí ele falou: “Sabe o que é? Na aldeia não tem esse negócio de criança não, não existe criança. O cara só é pequeno, não é criança. Não é quando que ele crescer que ele vai ser alguma coisa, ele já é desde pequeno, alguma coisa. E a gente fica olhando que ele é. Aí as meninas ajudam a mãe a levar louça, a lavar roupa. Levam os menores no rio pra tomar banho, carregam assim. As maiorzinhas ficam levando as menorzinhas. Os meninos vão com o pai desde pequeno caçar, porque se o cara for tio, que ele gosta mais de pescar, ele vai com o tio. Ou tem jeito pra pajé, aí vai conhecer de planta, cantar. Desde pequeno, e a gente fica vendo quem ele é. É assim, assim que é. Não tem criança, não tem quando crescer, já é. Só que tá daquele tamanho.” Aliás, depois que eu conheci o povo indígena, esclareceu muito, me esclareceu muito a minha existência aqui, mesmo, verdadeiramente. Porque eu tinha muito problema com também não ser daqui. Esse meu nome era um nome muito chamativo, então primeiro dia de aula todo mundo já me conhecia, uma semana a escola toda já me conhecia. Dez anos, 12, talvez ainda falasse com um pouco de sotaque de Portugal. Então nego sacaneava. Então eu virei o cara que sacaneava todo mundo, pra me defender eu virei o cara que dava apelido, a liderança mesmo, que arrebatava, sabe? Pra me defender. E esse meu nome também me fazia isso. Então muito esperto, o tempo de encarnar em todo mundo. Era eu, o comandante da farrá. Era eu. A princípio para defesa. Então acho que foi assim.

Depois meu pai fez uma fábrica de bolsas, melhorou de vida. Eu que até há pouco tempo eu falei isso pros camelôs que ficam aqui na Lapa me atormentando e a secretária, falei assim: “Olha, ser camelô pra mim é uma etapa, não é uma solução pra vida.” Porque a solução é você abrir uma loja. Agora, você ficar a vida inteira de camelô, sem pagar imposto ali. Pô, tu tá durão, aí tu vai vender uma sacola de cerveja, pra quebrar o teu galho, mas não é essa a tua vida, isso aí é uma passagem. Aí citei o meu caso. Porque eu estava culpado de ser contra os camelôs, eu fui, entende? Pô, passei cada história com rapa. Eu era o cara que pegava dinheiro pra dar pros guardas, em pequeno, com 11 anos. Eu ia de camelô em camelô, apertava a mão, o cara deixava o dinheiro. E aí depois dava pro guarda. Eu era o cara, porque era pequeno, ninguém desconfiava. E aí eu estou encarando esses caras na Lapa. E eu culpado, falei: “Pô, também fui camelô, tô reprimindo o cara...” Aí depois eu entendi, meu pai quando melhorou de vida ele não queria ser camelô, fez uma fábrica. Aí eu fui trabalhar na fábrica. E aí ele me considerava.

E aí a minha atuação na fábrica. Ele continuava achando que eu era meio vagabundo porque os meus horários não condiziam, sabe? Assim, eu nunca consegui acordar cedo, cumprir horários. Hoje em dia eu faço isso com mais naturalidade, mas eu sempre fui muito rebelde em relação a isso. Então, mas eu trabalho muito. O sócio dele chamava Vitório. É legal, meu pai sempre se juntava a um sócio, por ele ser analfabeto então ele tinha que ter sempre alguém pra ver os documentos e tal. Então, o Vitório. Que assim, eu chegava tarde, mas eu trabalhava cinco vezes mais do que os outros, que assim, pra você ter uma idéia, já eram outras bolsas, meu pai virou um expert em bolsas. Ele inventava modelos, era completamente absurdo. Começou a ir pra São Lourenço e comprar bolsas e vender bolsas e já estava com um carro. Já era completamente incrível. Aí começou a andar com uns anéis, começou a ficar superior, sabe? E aí eu chegava na fábrica e botava forro. Arranjava um jeito de trabalhar que o cara pagava por bolsa. Eu entrei, ganhava era cinco vezes que o cara ganhava. ficando o dia inteiro. Esse Vitório me apertava muito. Hoje tá aí todo orgulhoso de eu ter sido aquele garoto lá com ele e ter virado artista, fazendo coisas na cidade.

P1 – Seu pai fazia muitas bolsas?

R – É, ele fazia. Pô, cara, sempre numa alegria. Ele chegava lá e animava todo mundo. E meu pai: “Você chegou tarde...”. Puta que o pariu, cara, chato pra caramba. Então assim, eu era esperto. Já maior, já mais adulto. Custei pra terminar o ginásio e aí de repente eu tive que fazer artigo 99, o segundo grau, porque eu não tinha mais paciência de ir pra escola. Você começa assim, a ficar muito vivo e os garotos de 13 anos, 14 anos bobões, eu já com 16, 17 e cheio de vida. Andava a cidade inteira desde pequeno, sabe? Muitas experiências de vida. E aí a gente, quer dizer essa mudança. A gente mudou umas 15 vezes.

P1 – Por que vocês ficavam...

R – Porque era sempre aluguel. E aí vencia o aluguel, o cara queria aumentar. E a gente também melhorou de vida. A gente foi melhorando de vida. As minhas irmãs trabalhavam, eu trabalhava, meu pai tinha a fábrica. Então a vida de eu morar num lugar super legal. Um prédio que morava um médico lá no terceiro andar e era o dono do prédio, tratava a gente muito de igual, muito fino. A gente virou coisa legal, entende. Deu um upgrade na nossa vida assim, a gente melhorou de vida. E aí eu continuava na igreja ou coral, teatro... Acho que entrou um padre novo, chamava Mário. Meu pai ficou amigão, esperto assim, meio esperto, gostava muito do teatro. E aí eu comecei a frequentar uma igreja em Olaria. Chamava São Geraldo, igreja de São Geraldo. Essa igreja tinha padres espanhóis avançadíssimos assim, super finos. Já começou a trilogia da libertação, da justiça social. Esses padres representavam isso e começaram a me identificar com aquilo. Eu achava o discurso deles eram mais pra isso. Não era tão aquela coisa efêmera de espiritual, de católica. Então a gente começou lá começou a ter curso de noite pra operário, pra, carpinteiro, eletricitista, do Banco Providência.

A gente tinha um grupo de jovens e aí já era essa época a ditadura veio, 64. Voltar um pouquinho. Porque que eu cheguei nisso? Meu pai era lacerdistas e gostava de Lacerda. Eu ouvia o Lacerda falar também, achava aquilo... Foi indo e aí nessa igreja, eu já estava com 16, 17...

P1 – 67?

R – É. Era isso. Agora já pulei três anos por causa desse negócio da ditadura. E aí eu comecei a me inteirar mais. Fui mudando. E aí comecei a fazer teatro na igreja. Veio o teatro. E comecei a montar peça de teatro, nunca tinha ido ver teatro profissional na minha vida. “Vida e Morte Severina”, Chico Buarque. Aí eu via, comprava o livro, começava a montar com a garotada lá, o teatro, também essas coisas religiosas ao mesmo tempo, essa outra coisa. Comecei a animar missa das seis. Era eu que ficava no microfone, falava, improvisava os negócios e todo mundo

adorava. O padre adorava, a missa enchia e aí eu ficava livre. O Silvío Santos vem aí... Ali ainda não tinha o Silvío. Era pré-Silvío. E aí fiquei com aquele negócio..Dava aula também de noite.

Eu cursei o segundo, fiz o artigo 99 e passei. Aí esse grupo jovem, a maioria do pessoal estudava pra vestibular, pra faculdade, pra Medicina, porque a gente era bonzinho, todo mundo estudava. Não era tão juventude transviada. Eu conheci essa galera. Que aí eram turmas que brigavam... Uma turma brigava do Leme, brigava com a turma do Méier quando se encontravam, roubavam carro. Não era roubar carro pra vender não. Era pra sair dirigindo, entende? Era uma época explosiva assim. E a gente era da igreja. Não pegava isso. Tinha umas meninas super lindas também, era um grupo jovem. A época da revolução, não podia se reunir. Pessoas juntas e já nego ficava de olho. Então na igreja podia, porque era igreja, era missa, então nego não entrava. A igreja nessa época serviu muito pra organizar os movimentos sociais e de contra revolução. Era ali que rolava. Aí os dominicanos em São Paulo, aqui também os franciscanos. Tinha uma turma que mais ou menos acobertava algumas coisas. A gente então com essa de artigo 99. A gente fez um artigo 99 na igreja. Que esses caras que iam ser carpinteiros, pintores e tudo, também podiam estudar e melhorar. Era nossa idéia. De graça. A gente não cobrava nada e dava aula.

P1 – Um curso à noite?

R – À noite que davam esse curso. E aí eu me lembro que eu dava aula de geografia e a minha aula era sempre a última, cara, que aí ninguém dormia. Eu entrava fantasiado na aula, era uma performance. E eu entrava pela janela... Todo mundo ia trabalhar cedo. Então ali eu vi que tinha jeito pra esse negócio, a minha aula todo mundo ia ver, ninguém faltava, entende? Fazia a aula acontecer, agir, a aula era viva. Geografia, então dava pra mexer com isso: “Você é o Estado tal. Que estado tá em fronteira com esse daqui?” Aí fazia os caras fazer o Estado, se divertia com a aula. Isso eu nunca tinha visto isso. Eu vi que eu tinha jeito pra isso.

Bem, aí nós fomos presos. Em 68 saiu o Ato Institucional número cinco. Eu ouvi dentro da cadeia. Eu ouvi o Ato Institucional na cadeia, na cela em frente. Um rádio de um sargento, estava preso também porque nesse lugar que a gente tava preso, ficavam presos também gente que fizesse errado qualquer coisa no quartel. Então eu sei que assim, a gente ia fazer uma feira, porque assim, a gente começou a virar liderança na região, essa igreja. Um monte de amigos meus indo na biblioteca, e aí como tinha goteira, ao invés de nego consertar a goteira, fechou. A galera que ia estudar lá, essa turma de medicina. Aí foram reclamar, falava que não tinha verba. Aí a gente fez uma passeata na rua, lá em Olaria, coisa que tinha no Centro, mas não rolava lá. E a gente fez, aí foi na rua, bloqueou a rua. E chamou a atenção. Meu nome é Perfeito, só tem um. Então, várias reclamações, por exemplo: um escola perto, os professores de repente vão brigando com a direção não sei por quê. Aí foram lá na igreja. Minha proposta, falei assim: “Vou dar aula na rua”. Dava na rua. E daqui a pouco o diretor vai achar porque ninguém mais vai pra aula. E a gente faz do lado de fora as aulas. O que importa é que você sabe e tem aluno querendo, então a gente faz do lado de fora. Faz uma lanterna, faz umas fogueiras. Isso aí vai ser mais legal tu resolver do que tu ficar brigando com o cara, entende? E aí eram essas idéias que a gente tinha. A gente virou meio liderança. A gente ia fazer uma feira porque o barraco do morro não sei de que caiu.

Meu pai com esse negócio de São Lourenço tinha um monte de canetas que ele trazia de bambu, assim, subprodutos. Além da loja de bolsa tinha isso, vendia isso. Eu fui dos primeiros que sai daqui até o Uruguai, pegando carona, nessa época. Eu e o Charles, um amigo meu que estudava na PUC que me propôs isso. 17 anos. Fui para em Montevideú com 17 anos só de carona e a gente não tinha dinheiro mesmo, não tinha dinheiro. Saía, a parada era ir sem dinheiro nenhum daqui até lá e sobreviver. Na época a gente não pedia carona a carro, dó caminhão. Nessa assim, época eu estava nessa igreja e fiz essa ronda, que eu comeci a conhecer o Brasil assim nas férias, sempre era nas férias. A gente de carona. Por exemplo, pra você ter uma idéia, a parada do contraste era tão incrível que a gente assim, eu me lembro que em Caxias do Sul o Charles foi procurar uma amiga dele da PUC que era o cara era bilhardário. Uma casa em Caxias do Sul absurda. E aí quando a gente chegou a mulher estava há dois dias, ela e o marido descarregando caixas da Tchecoslováquia que chegaram pra eles. Deixaram a gente lá, comida. Botaram a gente numa casa que era do caseiro, uma coisa imensa no jardim. No dia seguintes estava a gente durinho. Ficava assim umas 30 horas, mais de um dia, na estrada pra tentar pegar carona.

Então esses exercícios de agüentar coisa. acho que eu já estava acostumado com isso. Então me dei muito bem, eu me lembro em Rio Grande do Sul, lá no Uruguai eu no Exército da Salvação, dormindo no exército da salvação. E a gente encostava pra poder ter um lugar pra dormir. Frio do cacete, sabe? Lembro-me depois que isso virou charme na nossa parada da igreja. Fui eu e o Charles primeiro, depois todas as férias a gente viajou muitos lugares do Brasil, ainda disputando pra ver quem chegava primeiro. E aí, como é que você se deu bem? Contava, a gente que inventava e mentia pra caramba. Contava pro prefeito. Chegava no prefeito e falava que a gente era do MOBREAL, que ia dar aula não sei aonde e aí o cara dava hotel, dormia num hotelzão, comia, entende? Não deixava de ser verdade, não era mentira, mas a gente não era de nenhuma organização, mas a gente ia. Na verdade assim, esse lugar onde de Olaria era um lugar onde tinha a sede dessa organização que vinha da Espanha. Os padres iam pra lá e ficavam amigos nossos, aí iam pra essas regiões e a gente ia visitá-los. Na Bahia, Milagres, onde foram filmados os filmes do Glauber, o pároco de lá era amigo nosso e eu me lembro que eu fui pra lá e preguei pelas igrejas. Eu que fazia a pregação, falei sobre esse evangelho tal, porque eles eram espanhóis aí a pronúncia deles não era. E eu é que falava, falava, ensaiava o coro, depois colocava todo mundo pra cantar, fazias as pregações. Lia o evangelho, dava a minha opinião.

Esse povo era meio revolucionário, estavam nesses lugares. Por exemplo, esse cara de Milagres, ele viu que as terras, a maioria das terras era da igreja, ele começou a distribuir pra quem morava, a legalizar. Lembro-me que eu cheguei, o Chico era meio gordinho, quando cheguei lá um calor miserável e o cara tudo ferrado assim. Mas acreditando, sabe, que podia ajudar as pessoas de verdade. A gente, todas as férias, ia com esses caras pra ficar trabalhando com eles. Aí nos habituamos a se mandar por esse Brasil assim, do nada. Eu me lembro que a última vez que eu fui, porra, voltei cheio de dinheiro, cara. Eu levei esses negócios pra vender, essas canetinhas, cinzeirinho de bambu. E aí vendia e ficava com o dinheiro. Trouxe uma porrada de muamba do Paraguai. Isso do nada. Chegava duro e voltava cheio de coisa, cara. A escola, a minha escola, onde eu aprendi realmente a existir foi nesse outro meio.

Então, estávamos nós em Olaria pra fazer uma feira, 68, a gente estava pra fazer uma feira, pra arrumar um dinheiro pra um barraco lá de uma mulher lá da favela que tinha caído. A gente ia fazer uma feira, então estava cheio de mercadoria desse tipo de coisa e aí quando a gente estava pra sair chegou um Volkswagen e parou a gente. A gente estava numa Kombi de um amigo nosso, estava pra juntar os negócios. Então aí chegaram e perguntaram pelo Charles, que era esse amigo meu que tinha ido para o Uruguai, o Emílio e o Perfeito Antônio. Perfeito Antônio Fortuna, sei lá porque meu nome não era conhecido Perfeito Fortuna. E aí o Emílio... o Charles não estava; o Emílio estava e como o pai dele era detetive, se garantia e falou: “O Emílio sou eu”. Eu sei que o carro não era da polícia. Aí falou, o Emílio falou: “Emílio sou eu”. Eu, pô, vou deixar o cara sozinho? Fique meio sem graça e falei que eu era o Perfeito. Aí entramos na joaninha e fomos embora. O cara deu umas voltas, deu umas voltas e parou. Aí “Vocês vão pra cadeia agora. Vocês vão ver, tem cara lá que não vê mulher há mais de cinco anos...”. Eu tinha 18 anos.

Fomos, aí deixaram a gente lá, cheguei na cela, pô, tinha um outro cara na cela, com medo de mim eu com medo dele. Na parede, encostado na parede um tempo até que fomos aproximando, até que o cara também era de uma outra, um outro lugar. Eu e Emílio ficamos presos lá e ninguém falava nada. No dia seguinte acordamos, não tinha acusação. Aí começou a chegar gente, começou a chegar gente. A minha cela ficou com 12 ou 13. Tinha um banheiro. Ficamos lá. Aí a acusação começou a ver que a gente era subversiva, a gente também não sabia. Depois a gente foi perceber também que essa igreja de Olaria, esses movimentos quem fazia foi naturalmente a gente, mas aí começaram as organizações políticas a frequentar. E a gente não tinha nenhum anticorpo. A gente não se achava nada de organização subversiva, nada. A biblioteca fechou, a gente juntou, o colégio está com um problema, a gente vai tentar resolver o problema. Ninguém era contra a ditadura. Mas aí esses caras que eram organizados, o PC, já tinham a gente. Depois fui saber, a gente tinha nome dentro da organização da esquerda.

P1 – Mas vocês nunca iam conversar com ninguém, nada. Não tinha uma coisa organizada.

R – Não, não. A gente era nós e o cara estava e aí os caras estavam lá também, infiltrados. Os caras da esquerda. Não era do governo não, era da esquerda. E aí para ele se proclamar e crescer dentro da organização deles, eles contavam a história que eram eles. Pra poder crescer. Isso chamou a atenção da polícia, que viu que tinha gente ali e começou a achar que aquele movimento todo era um pouco por eles. Todo mundo sabia, a gente não estava ligado na política, a gente não sabia que estava pra sair um Ato Institucional. Hoje eu sei tudo que está pra acontecer. Eu li todos os jornais de tudo, todos os jornais. Economia, política...tudo. Mas na época não, pô. E quem estava nesse assunto, tá nesse assunto. Então não tinha ninguém de esquerda nenhuma lá, já tinham sumido há muito tempo. A acusação era: eu era o homem de ligação entre o Jango, o Brizola, os intelectuais, os artistas e a igreja em 64. Porra, em 64 eu tinha 14 anos. E aí nego também não interrogava, porque quando saiu o Ato Institucional número cinco, que era aquele que todo mundo pode ser preso sem acusação nenhuma, pode entrar na sua casa, pode fazer tudo. Eu não tinha nada preparado ainda, eles prenderam logo uma porrada de gente pra depois ir acusar. Depois é que vai ver o que tem contra ele. Então a gente estava esperando lá ser acusado, sentado. A comida era muito ruim. Evidente que a gente passava mal porque a minha família não sabia onde é que eu estava, ninguém sabia. Estava preso, sumi. Aliás, eu acho que lá alguém viu e contou que achava que a gente tinha sido preso, mas aonde estava... Minhas irmãs, minha mãe atrás, falando com não sei quem, e eu sem saber.

Mais uma vez eu fui encantadamente salvo por um negócio espetacular. Um homem que chamava Baltazar Prates, que depois, segundo o que ele nos revelou, foi isso: que ele morava no Leme, ele era engenheiro e aí de repente escreveram alguma coisa contra a ditadura no elevador e acusaram ele. Ele estava lá. Ele estava de bermuda, coisa que a gente ficava tudo de cueca na cadeia. Não pode ter cinto, não pode ter porque se enforca, sei lá. E a gente estava de cueca e ele estava de bermuda e tirou um terço do bolso. Eles não tiraram isso. E o cara também sumiu, ele foi embora, antes da gente, a gente não sabe como. Até hoje eu não sei se é uma daquelas coisas minhas de infância de um cara que apareceu do nada só pra estar ali. Eu tenho dúvidas. Por que aí ele tirou lá aquele terço eu falei: "Cara eu sei rezar, minha mãe me ensinou a rezar isso. A gente podia rezar, porque assim.. todo dia, às seis horas, se a gente se concentrasse, mesmo que não acredite, mas se a gente fizer, eu acho que vai dar força pra nós". Aí o outro: "Não, mas eu sou Rosa Cruz". Falei: "Não, não faz mal. Como é que faz o teu lance? A gente faz também". Aí todo mundo topou. Cara, seis horas da tarde era uma energia lá naquela cadeia, absurda. Todo mundo "Pai Nosso que estais... Ave Maria cheia de graça...". Aí lembrava da nossa família, dos nosso parentes, na mulher do cara, não sei de que. Lembrava, falava nela... Sentia um negócio emanando mesmo. Quer dizer, quando você não tem nada é muito grande a fê, porque você não tem nada. Então aquilo ali é um negócio. Aí eu me lembro que no segundo dia já foi o sargento pra me pegar. Eu estava rezando lá aí chegou: "Oh, cabeludo! Vamos dar uma volta". Eu falei: "A gente tá rezando aqui, depois quando terminar...". Era no segundo, terceiro dia, não me lembro, que já tinha uma amizade que aí a galera parou, ele saiu, aí nós juntamos aqui e falou: "Você não vai sozinho não. Se você for vai ter que ir todo mundo. Vamos encarar todo mundo, vamos apanhar todo mundo, mas você não vi apanhar só não". A galera já assim. Verdade isso, mesmo. Dia seguinte o cara apareceu lá. Eu falei: "Olha cara, você tá achando que a gente tá rezando pra fazer mal pra você? A gente tá rezando porque a gente está sozinho. Rezando por isso cara. Vai fazer mal pra você, cara? Acha que é você?". Aí o cara não voltou, não apareceu.

O cotidiano ali, eu comecei a ficar muito divertido, sabe? Fazer graça, contar história, não baixar o astral. O astral ficou muito elevado. Eu comecei a ficar amigo dos soldados. Os soldados começavam a ir lá e contar um pouco o caso deles, como é que estava fazendo, estudando e não sei o quê. Daqui a pouco essa cadeia já estava rezando pela mãe do comandante, ou não sei quem que está doente, a tia não sei de quem. O outro xadrez ali estava pedindo que não sei quem estava doente. Nunca imaginei que a gente pudesse ali ter um centro pra rezar pra doente, porque estava rezando mais ali. Aí que o negócio ficou famoso. A gente era duas celas de política, que era a do lado, era o Paulo Francis, o Ferreira Goulart e mais uma galera de igrejas, da região, porque se viu que tinha essa organização. A igreja servia meio como amparo pra uma coisa social, pra uma coisa de agrupar a gente. A gente quando era ouvido, já começaram a me ouvir, foram me interrogar, passava pra outra. A gente tinha um jornalzinho que a gente escrevia e passava pela cela, assim com um cordão, e aí nego segurava pra saber o que a gente estava achando das coisas, dos dois lados. Então, no Natal...

P1 – Isso aí quanto tempo?

R – 20... um mês. Foi 13 de dezembro, eu sai em 10 de janeiro. Aí começaram a ter visita. Aí descobriram que a gente já podia e tal, aí tinha visita pra gente. A visita era no domingo. Aí nego levava comida porque percebia que a gente passava fome. A comida de soldado não é muito boa e a gente era o resto, quando acabava o soldado. E nego vinha com aqueles bandejões. Às vezes chovia, pegava chuva, a carne meio podre já. Então a gente não conseguia comer direito. Passava ali, ficava ali assim. Às vezes tinha um macarrão, alguma coisa que dava pra comer. Normalmente não se comia. Café, pão, café com pão, tudo bem. Quando tinha a entrega domingo a gente lanchava e às vezes o sargento deixava, dependendo do oficial do dia, deixar ou não entrar comida para a semana. O cara dava um pouco. Aí tinham uns que deixavam e tinham outros que não deixavam. Aí voltavam as coisas ou a gente comia na hora. Comia naquele frangão. Tinha uma hora de visita e você falando: "Como é que está aí meu filho?" Todo mundo ali, um monte de metralhadora em volta da gente ali. Com a nossa família ali, com namorada e a gente comendo rápido e os caras tomando as coisas da gente. "Tu achas que eu vou fugir, deixar a minha mãe aqui, cara? Tá maluco? Baixa essa porra dessa metralhadora aí cara. Tá maluco?"

Aquele já era o meu cotidiano então já tinha comando, sabe? Tanto que os caras roubavam de noite pra gente. Pra mim, não era pra gente. Eu sempre boto no social. Más interpretações pro povo não achar que eu era o cara daquele assunto específico. Socializar aí. Dei-me mal. Era eu o cara. Porque eu tratava todo mundo igual. O outro ali: "Chama o teu oficial...". Era igual quem ele reclamava. Mesma ideologia. Por mais esquerda que fosse, entendeu? Não queria falar com o soldado, sabia que o soldado não mandava: "Chama lá o oficial". Eu falava com o soldado. Porra, cara, pra mim não fazia distinção entre soldado e oficial. Quem tivesse ali comigo estava ali comigo. O outro é mais do que ele?

Ninguém é mais do que ninguém. Então esse tratamento eu tinha. Então os caras ficaram meus amigos. Eles iam roubar de noite biscoito no bar pra dar pra mim: “Cabeludo, toma isso aqui, eu peguei lá pra você e tal...” me davam.. De verdade. Pra mim, era pra mim. É lógico que eu ficava comendo ali escondido. Os outros, noutra cela, mal humorados. O Paulo Francis estava lendo pela terceira vez em alemão o “Dom Quixote”, entendeu? E a gente estava ali: “Aí soldado!”. Negociando dia a dia, porra, pra poder sobreviver. Os caras se achavam superiores. Então Natal pra mim lá em casa, minha casa é portuguesa, nunca vi um Natal que não tivesse de tudo. E todo mundo junto sempre. Minha família toda no Natal. Canta-se, porque a gente é de coral, então se canta as canções de Natal. Eu sempre adorei o Natal. O primeiro Natal ali em casa. Falei: “Porra, cara, vou fazer uma festa aqui no Natal. Vou passar o Natal...”. “Não, eu não vou passar o Natal não, porque eu estou triste pra caramba com o Natal. Vou dormir”. Falei: “Não, eu vou ficar no Natal... Natal... Vou ter que fazer alguma coisa no Natal...”. Não tem idéia, cara. A minha mãe passou lá de tarde com alguém que foi, deixou uma porrada de comida, castanha, rabanada... tudo. Aí quando chegou umas dez e pouco veio o sargento: “Aí cabeludo. Deixaram pra você”. Falei: “Caraça, mané”. Acordei a galera, sentamos. Aí ainda fiz pré-eleição porque a gente era 12. Lembrei-me de Judas que não estava na cela e tal. Cada um falou um pouco. Todo mundo lembrando, falei: “Nós estamos aqui bem. Ninguém tá batendo na gente, ninguém tá maltratando. Imagina o que nego deve estar achando que a gente tá passando no dia de hoje, nossa família. Então vamos mandar uma energia de que tá todo mundo bem aqui”. Aí entrou o sargento, uma garrafa de vinho. Trouxe a garrafa de vinho. Aí eu falei: “Pô, sargento. Entra aí, vamos comer, vocês também são presos cara. Vocês estão tomando conta da gente, cara. Vocês também querem ir pra casa”. “Não, não. Aí já é demais”. Não entraram, não pra comer com a gente. Mas assim foi o Natal, espetacular. Quem é protegido mesmo, quem tem cultura de crer lá no que seja, não precisa ser isso ou aquilo, pode ser qualquer coisa, mas acreditar que não vai cair, vai dar certo, firmar a coisa. No ano novo eu já estava na outra cela. Não sei se o Caetano tinha chegado. Não, eu acho que não. Aí eu fui pra outra cela, que já me ouviram. Lembro-me também disso, não era só o soldado não. O comandante do quartel, tenente Ailton. Não era o comandante, o comandante era o major Lacerda, mas é um que ficava sempre lá, era um baixinho, chamava tenente Ailton. Chamou-me, mandou me chamar, falou: “Tira lá” que ele queria me dar uns doces que a mãe dele fez. Um cara que era brabão. Um doce que a mãe dele fez, eu falei. “Vai, conta aí, conta umas piadas” eu contei umas piadas, eu era completamente idiota, assim. Porque eu não tinha raiva dos caras, sabe? Eu não era contra. Assim, não tinha raiva, eu não tinha inimigo, eu não considerava eles meus inimigos, entende? Não era da esquerda, que lutava. Eu era cristão, cara, católico. Não era católico, mas no sentido de cristão. Era do amor. Esse assunto meu do amor pra trabalhar com todo mundo, onde é que pode melhorar, o que pode melhorar pros outros. Não tinha inimigo. Não considerava eles meus inimigos, então eu não tinha raiva deles, cara. Acho que é isso também que eles sentiam em relação a outros que eram. Eles viram “O que esse cara tá fazendo aqui? Vou dar uma força pra ele, a minha mãe faz um doce legal pra caramba, queria te dar”. Aí eu falei: “Posso levar lá pra dentro?”. “Ah, não. Pra você”. Falei: “Então não, cara, não dá não. Eu não posso. Porra, todo mundo no maior sufoco, cara. Todo mundo. Aí eu chego aqui, venho aqui, conto uma história pra você e vocês me dão um doce. Como é que eu vou chegar lá e manter esse doce na minha barriga, cara? Eu não quero comer não, cara.”. “Não, não. Pra você... você...”.

Assim, nesse nível que aconteciam pra mim as coisas. Fina mesmo. Na maior desgraça e escapava de alguma maneira. Eu me lembro que no Bom Sucesso tinha esse clube que eu também não era sócio, mas, porque a gente não tinha essa cultura, mas eu ia aos bailes, dançar lá, arranjava uns convites, ou comprava, ou alguém me dava, alguma coisa. Eu frequentava. E no carnaval tinha esse clube que cantava. Minha mãe não gostava de eu ir, achava que era coisa do demônio essas coisas de diversão. Ela achava que tinha sexualidade ou lá o que seja. A gente era católico, mas eu fugia e frequentava. E eram aqueles bailes incríveis. Ficavam as mesas aqui e a orquestra ficava tocando e nego girava. O baile girava. Todo mundo ficava cantando e andando assim. Aí você paquerava, ia naquele grupinho ali, pegava a menina, abraçava e tal. E os pais, o pessoal mais adulto que estava ficavam aqui nessas mesas. Então era um negócio... Era no carnaval e no réveillon. Falei: “Porra, eu vou fazer um baile de carnaval aqui, cara. Ah, eu vou fazer. Esses caras não vão me derrubar não, cara. Eu vou fazer um baile de carnaval aqui” Eu fiz um baile de carnaval, cantando marchinha...

P1 – No réveillon?

R – No réveillon. Aí o Paulo Francis: “Não, o que é isso?”. Eu via que não dava pra forçar a barra com eles, assim, o outro era casado, tinha filho, sabe? Eu tinha uma namorada. Mas assim, quem tinha filho era muito difícil puxar uma energia assim de alegria. Era muito difícil. Então pra pular carnaval sabe o que eu fiz? Fui pro banheiro. Fiquei sozinho, cara, cantando as marchinhas: “Joga a chave, meu amor. Não chateia, por favor. Vou bebendo por aí” Fiquei cantando sozinho. Eu não vou deixar de fazer as paradas. Era assim um maluco. Mas cheio de energia. E brincando sozinho nesse banheiro, sem fazer muito barulho pra não atrapalhar esses amigos que estavam lá. Aí, voltei pra minha cela não sei porque, não lembro essa passagem pra outra. “O Caetano tá aí. Tá vindo aí. Tá preso, o Caetano”. O Caetano em 68 tinha acho que 27 anos, por aí. Era isso. Eu tinha 18. Aí falei, caramba, a gente ouvia o Caetano na Record, que era diferente de tudo. Ele não estava falando contra a ditadura, ele estava ligado internacionalmente ao que estava acontecendo no mundo. Guitarra e tal. Tanto que o pessoal ficou com raiva. Tinham muita raiva dele, que ele tinha um Mercedes, entende?

P1 – Ele tinha um Mercedes?

R – Ele tinha um Mercedes Benz já. Meio velho, mas ele comprou. Que acha legal determinadas coisas. Eles: “Porra, esse cara cabeludo, viado...” Era o que corria dos oficiais, dos soldados não tinham muita opinião. Então os caras tinham uma raiva. Além daquela figura já estar com dinheiro do jeito que estava e ser aquele magro, cabeludo, porco... Era uma coisa aos costumes. Foi uma revolução de costumes que o Caetano trouxe. Um jeito... Pra você ter idéia, nessa época homem não usava camisa branca, rosa, amarela não tinha. Se você vir esse tempo todo, era tudo meio cinza. Ainda não tinha cor, para os homens, principalmente. Pra mulher tudo bem, mas pra homem não tinha. Homem não usa uma camisa amarela. Porra, tá maluco?

Era assim, a coisa veio muito rápida. Até esse tempo, até o Caetano, vamos dizer, que não é o Caetano, é uma geração que veio, Beatles. Até aí ficou muito tempo parado. Muito tempo parado. Deu uma porrada porque aí os meios de comunicação, aí o negócio. Então, “O Caetano tá vindo” me falaram. Aí ele chegou, abriu a cela e me viu. Abraçou-me e ficou uns cinco minutos abraçado comigo. Nunca tinha me visto na vida. Mas é que tinham falado pra ele que iam matá-lo. Ele estava num outro quartel, na Barão de Mesquita, e transferiram. Falaram “Agora você vai ver...” meio rodaram com ele pela cidade, ele e o Gil. O cara entrou, me abraçou, falou: “Pensei que eu nunca mais fosse ver um cabeludo na vida”. Ficou abraçado chorando e eu era o chefe. Apesar de ser o mais novo, mas assim, eu tinha essa liderança por causa dessa alegria. E aí fiquei segurando alegria geral. O outro querendo cair falei: “Não, cara...”. Aí comecei a cantar, fazer ele contar coisas, contar fatos e contar histórias. E também não era assim, não era uma coisa que eu ficava pensando, que tem que ser assim, porque era natural. Era aquilo era assim que

tinha que ser. Ele entrou na nossa: “Soube que vocês rezam aqui”. Lá fora, meio rindo, debochando eles falavam isso um pouco. Eu falei: “É, a gente reza mesmo”. Ele falou: “Quero rezar”. Ele falou que ele gostava da Salve Rainha. Era a oração que ele mais gostava, que era um rendeiro a divindade mãe. Até hoje eu rezo a Salve Rainha e me lembro do Caetano e dedico a Salve Rainha pra ele...

P1 – É mesmo?

R – E rezo bastante a Salve Rainha. Então, na verdade eu fiquei o chefe da cadeia, assim, sem ser eleito, mas por essa comunicação, intermediação com soldados. Lembro-me também, nessas visitas por exemplo...o Caetano tava incomunicável. O Caetano e o Gil. Quem trazia as coisas pra ele era a minha mãe ou as minhas irmãs é que traziam. Bilhetes, comida disfarçada, dizendo que era pra mim e passava pra ele. A gente era os intermediários deles porque eles ficaram pior do que a gente, porque eles não podiam receber ninguém. Depois cortaram o nosso cabelo. Queimaram o nosso cabelo e, rindo, me lembro. Do Caetano, pelo menos. Não sei o meu, porque eu não era tão representativo para a oficialidade. Depois me lembro que todo mundo queria a minha fotografia depois. Cortaram pra guardar de lembrança. Os soldados queriam a minha “Cabeludo, tua foto aí, tal”. E depois, como eu fui preso, eu era muito, ainda era duro eles ficaram com o dinheiro que eu tinha, sabe? Lá. Então eu juntava coisas. A gente foi embora, me lembro que era dez de janeiro, O Caetano e o Gil ficaram presos ainda. Depois o Caetano ninguém sabia mais pra onde é que ele tinha ido. Fui cinco vezes depois no quartel pra ver se eu achava.

P1 – Atrás dele?

R – Pra ver se eu achava o Caetano e o meu dinheiro de volta. Se ele estava lá ainda ou se era mentira, como é que era. Se podia encontrar com ele. Porque eu já era amigo dos caras, fiquei amigo dos caras. Por exemplo, o sargento que me prendia - quando eu falo em sargento, não era um sargento, porque mudava muito -, por exemplo, eu encontrei com ele, o cara pagou dois “grapetes” pra mim. Na praia. Ficou meu amigo mesmo o cara. A minha figura destoava um pouco da normalidade do que seria um preso político por causa do meu jeito. Era interessante pra eles ter esse jeito porque eles tinham o que contar. Então, preservar a figura era interessante pra eles.

O comandante do quartel era o Major Lacerda. Eu, quando eu morava em Bom Sucesso, eu estudava nesse colégio e tinha uma menina que chamava Lúcia, que depois veio a ser mulher do Martinho da Vila, tem filhos com o Martinho da Vila. Era Lúcia Caniné. O pai dela era o general Caniné. O general Caniné, quando soube que eu fui preso... eu vivia na casa dela também, entende? Adorava-me. Sabe aquele menino que, por exemplo, eu queria só casar, eu não tinha transado. Só com a mulher que eu fosse casar.

P1 – Nessa época?

R – É. 18 anos, pensava assim. Não tinha transado com ninguém. Só com a mulher que eu fosse casar. E aí defendia esses pontos de vista de social, de bondade. Bondade pura. Não era ideologia de trocar de poder. Bondade. Então chamava um pouco de atenção meus pontos de vista. O general gostava de mim, de me ouvir. Eu não tinha preconceito nenhum contra ninguém. Aí ele foi lá no quartel e ele tinha sido chefe do comandante do quartel. Foi lá me visitar. Foi na minha cela. Todo preocupado, tentou me tirar, falou que tentou me tirar, mas que a ordem veio do comandante do primeiro exército, que eu estava envolvido.. Não estava envolvido, mas o meu assunto estava junto de uma autoridade maior, não dava pra ele mexer, mas que não ia acontecer nada comigo. Ninguém ia me bater, não ia acontecer nada, que ele já tinha falado com o comandante. E chorando por eu estar lá. O velho Caniné.

Então passei assim.. A cadeia pra mim não foi coisa pesada não. A cadeia pra mim foi assim. Lá eu descobri que existia escola de teatro, que eu fazia teatro em Olaria sem saber. Eu queria fazer Sociologia porque eu não sabia o que fazer, mas na verdade eu queria fazer arte. Eu não sabia que tinha escola de arte. Que a gente era lá de Bom Sucesso, não tinha acesso. E aí lá na cadeia o Caetano me falou, o Ferreira Goulart me falou. Eu fiquei amigo do Caetano, então comecei a ter acesso a uma onda artística que eu não teria se eu não fosse preso. Então a cadeia pra mim, quando eu olho me vejo que foi uma oportunidade incrível. Se tivesse assim, em cada quartel, um cara que nem eu, a gente mudava o quartel. Porque também os caras que estavam presos estavam loucos pra dar um tiro um no outro que estava lá. Eu não tinha. Então eu convenia na conversa. Todo mundo viu que eu era bom. Aí, tu sendo bom, é duro pro outro cara, pra ele te ganhar, porque você é bom. Tuas posições são sempre legais, boas pra todo mundo. Ninguém tá conseguindo resolver, eu vou, entende? Senão vai ficar isso aqui.

Então lá eu me arriscava o tempo todo nisso. Era uma figura diferente e esse diferente é subversivo mesmo, como o Caetano é subversivo sem falar contra a ditadura. Só em existir “Sobre a cabeça os aviões...”, a roupa, o jeito de falar, o cabelo, já está dizendo coisas. E são coisas mesmo, profundas. Não é um debate ideológico. Você pode achar aquilo, mas não praticar aquilo. A parada da gente, a minha parada era de praticar mesmo, eu era aquilo que eu estava falando. Não era um discurso. E na verdade justifica o cara te dar porrada, te deixar preso porque se você deixasse ele sozinho, se fosse ao contrário, ele também fazia isso por você. Eu não faria. Eu não prenderia o outro porque pensa diferente de mim. De jeito nenhum. Imagina. Então, era difícil me pegar. E também não era esperteza minha. Era assim. Então eu era uma figura diferente mesmo no quartel, na minha prisão. Então a partir disso eu também pensava lá, quando eu estava preso: “Caraca, cara. Vou ficar famoso pra caramba, porra?”. O único cara do subúrbio que foi preso na revolução, assim jovem, sabe? Posso tirar a maior onda. Quando eu voltar vou contar as histórias. Conte com Caetano Veloso... Imagina, cara. Foi o maior salto que eu dei, maior pulo. Então essa coisa toda, até hoje isso me formatou também. Quando tá ruim, cara, olha direito esse negócio desse ruim, entende? Que às vezes é você que não está entendendo o momento. Presta atenção que aquele momento pode estar dizendo: “Tem coisa por trás daquilo. Confia que tem. Não desespera”. Que pra mim parecia que era um tormento, de repente foi um acesso a uma outra classe, outro grau artístico. Eu fiquei tomando conta do Caetano Veloso, cara. Entende? O cara tava sozinho, caidão, entendeu? Deprimido. Encontrou comigo, que era animação pura. Cantava ópera no banheiro. Eles vão visitar: “Hoje tem visita...” e a gente imitava macaco. Eu ficava imitando macaco como se fosse zoológico, os caras iam ao zoológico ver porque tinha as grades, ficava debochando de nós mesmos, entende? Pra ridicularizar tudo aquilo. Então era uma força da natureza mesmo o negócio.

Lembro-me também de outra vez que eu falei sobre os direitos humanos, que a gente estava comendo, aí o sargento também falou isso. A minha mãe sempre esculhambava um pouco o negócio porque assim, eu estava animado o tempo todo, contando vantagem. Não deixava a peteca cair. Aí ela ia embora: “Que ele está assim, mas ele tá sofrendo lá dentro...”. Todo mundo que estava animado por mim, achando que estava tudo bem, já detonava. Aí eu me lembro do outro que ficava me ameaçando também porque eu falei uma vez que era: “Não. Não tenho nada contra não. Não vai acontecer nada. Agora fazendo dez anos, acho que dez anos da lei dos direitos humanos que ninguém podia ser condenado sem ter nada contra ele, sem ter provas. Eu não tenho nada, então...”. Aí o cara me olhou assim, eu: “Né, sargento?” falei pra ele confirmar e ele ficou puto e também queria me pegar, mas também não teve coragem de me pegar. Mas era aquele provocador. Depois eu fui pro quartel atrás do Caetano.

Fui parar lá de volta. Fui parar no paraquedista, perguntando. Os caras me acharam esquisito pra caramba. Chegar na porta do quartel e perguntar se o Caetano estava. O cara estava incomunicável, ninguém estava querendo dizer. Tu vais à porta do quartel perguntar: “O Caetano tá aí?”. Porra. Só eu mesmo. Mas assim, da cadeia... e também não recuperei os meus bens. Não consegui recuperar.

P1 – O dinheiro, nunca devolveram?

R – Não, não devolveram não. Não era grande dinheiro. Pra mim era, mas não era grande dinheiro. Então esse momento interrompeu, mudou um pouco a minha cabeça. Passei por uma experiência absurda, cara, absurda de rica. Ao mesmo tempo que desprovido, mas do nada rolando coisas inacreditáveis. Provando pra mim que vale a pena crer para ver, essa inversão do ver pra crer. É crer pra ver. E a parada acontece. A gente é muito mais poderoso do que a gente imagina. É porque a gente não usa. Não vai nesse extremo, só fica: “Ah, vida... eu sempre trabalho...”. Fica se achando um miserável, começa a ter pena de si. Aí começa a fazer aquele personagem. Porra, qual é? Eu hein!. Tô aqui, porra. É um presente estar vivo. Encantado pra caramba. Encantado pra caramba estar vivo. Não tem nada mais encantado do que isso. A gente tá vivo, no real. É o mais encantado que tem, é o real. A gente tá aqui, cara. Pô, isso é um milagre. E aí o cara não dá valor a isso, fica se penalizando. Cada vez mais assim. Eu tô contando essa história, mas tem um monte desse mesmo tipo, sabe? De do nada, de desespero, reverter e brotar a força que a gente tem mesmo. Não é à toa que o meu padrinho ficou naquele negócio. Hoje me deu essa força. Acabou a cadeia. Acabou a cadeia, como é que segue agora, depois da cadeia?

P1 – Você saiu da cadeia...

R – Vai preso pra você ver depois como é que é bom sair da cadeia. Sai da cadeia assim, meio orgulhoso, um pouco. Orgulhoso mesmo, de verdade. Minha família ainda achava aquilo... “Porra, preso, cara.” A tua família ter um cara que foi preso. Classe média já. A gente já era classe média, fica meio assim. Então voltei pra igreja, o que aconteceu mais? Minha família me abandonou. Fugiu de casa.

P1 – Mas como sua família...

R – Resolveram morar em Portugal. E aí, assim, só pra retomar uma coisa grande. Uma outra etapa. Aí eu estava correndo atrás de ser artista pra poder ver que era esse meu lance mesmo. Fui à rádio Globo. Um amigo meu, o Luís Galo, que foi médico, formou em medicina, foi médico do Fluminense agora, a referência dele, era amigo nosso, filho do sapateiro lá de Bom Sucesso. Aí ele falou: “Ovi na rádio que tem vaga pra humorista, que pode fazer teste. A “Impecável Maré Mansa”. Um programa daqueles com Zé Trindade, com esses humoristas antigos, sabe? Que faziam filmes antigamente. Eu fui, eu e ele. Ele que era o cara ligado. Fiz um teste lá, os caras mandaram contar umas piadas, eu contei umas piadas, aí me contrataram. Toparam. O Ari Leite, Senhor Saraiva. Um negócio assim, essa turma...

P1 – Eu me lembro...

R – É. Essa turma. Cara nervoso. Ficava nervoso... Saraiva. Aí os caras me aprovaram e eu comecei a gravar uma vez por semana ou duas, de noite. Esses programas de humor, de piada, engraçado. Aí eu começo a ganhar um dinheiro. Já me pagavam um dinheiro. Eu tinha isso uns 19 anos. Já falei: “Caramba. Já tô ganhando um dinheiro.” Chamaram-me pra ir pra televisão também, pra fazer o “Central do Riso”, a TV Tupi, que eles também eram de lá. Já fazia um cachê lá. De vez em quando, uma semana sim, uma semana não me chamavam. Eu fazia uns negócios meio ainda fora de foco. Aí fui fazer a escola de teatro.

P1 – Aí você tinha se formado... Você se formou?

R – Não. Na escola de teatro. Eu fiz esse artigo, mas aí não fiz faculdade. A faculdade que eu fazia foi à escola de teatro. Aí fiz prova pra escola de teatro. Era prova teórica e prática. Na teórica, que eu ia fazer o “Vida e Morte Severina”, que eu fazia o Severino. E aí subi no palco e esqueci o texto. Caraca. Aí contei pra eles: “Sabe o que é? É que eu tô muito nervoso. Eu já estou gravando um negócio na televisão e aí se vocês me deixarem... Eu acho que eu tô nervoso porque eu tenho que sair correndo pra lá que eu tenho que gravar hoje lá e eu tô aqui em cima da hora. Se eu puder voltar amanhã...”. Aí os caras deixaram eu voltar amanhã. Aí eu voltei, passei pra escola de teatro. Era uma época assim... Drogas, todo mundo. E eu era caretaço de drogas. Aí arranjei um namorado pra poder me livrar, eu e ele. Pra nós nos livrarmos nós começamos a dizer que nós éramos um caso e aí ninguém perturbava a gente. Assim, de brincadeira. Porque aí os caras davam em cima e tal. Eu me lembro que eu animava, chegava no bar de baixo, tinha um bar, hoje onde era a UNE e depois tacaram fogo e vai voltar a ser a UNE agora, essa escola de teatro. E aí embaixo tinha um bar. Cabanas, era o nome do bar. E eu chegava e começava a fazer bagunça e todo mundo ficava rindo geral, assim de humor... E aí os caras ficaram com medo: “Tu tá dando muita bandeira.”. Falei: “Bandeira? O que é bandeira?”. Eles achavam que eu estava doidão. Nunca tinha visto bagulho, nem visto. E achavam que eu era doidão. Todo mundo achava que eu era doidão. Fumava nada, nunca tinha fumado. Até que eu fui num dia numa festa que nego fumava, cara. Maconha... Aí eu fui falar pro professor, que era um professor avançado, mas assim, eu nunca imaginei, aí ele falou: “Pô, cara, eu fumo...”. “Nessa festa tá todo mundo fumando...”. Ele falou: “O que têm?”. Eu falei: “O que têm?” Caramba. O cara era um senhor casado, professor, que também compadecido da gente. Todo sábado ele me levava pra comer na casa dele, fazia a maior comida. Porque às vezes a gente, eu e o Breno (o namorado) também. O Breno morava em Petrópolis e eu... Ah! Então voltando. Isso é por causa da minha família que foi embora. Então assim, nessa época a minha família tinha ido embora e eu estava nessa escola de teatro e não queria ir embora. Ninguém me convidou pra eu ir pra Portugal. Eles arrumaram um jeito de ir, iam morar lá de volta.

P1 – O seu pai largou a fábrica, tudo?

R – Isso. Vendeu tudo e ia voltar pra Portugal. Minhas irmãs queriam e tal. E a mim: “Você não vai?”. Porra, ninguém me chamou, cara. Mesmo se me chamasse ia ser difícil de eu ir. Não ia porque eu já estava gravando na rádio Globo, já estava com uma vida caminhando. Já querendo fazer a escola de teatro. Mas aí também, ao mesmo tempo falei: “Porra. Ninguém me chamou”. A minha mãe depois se sentiu culpada em relação a isso. Falei: “Imagina. Tá tranquilo”. Mas na época eu sentia. Bem, aí meu pai me deixou simplesmente uma bicicleta, e um relógio. E assim, hoje o que vem a ser assim uns 200 pau, 300 pau. E me perguntava: “Você tem onde ficar?” eu falava “Claro...”. Eu não tinha onde ficar. Aí a minha mãe: “Aonde é que tu vais comer hoje?” Comer hoje? Onde é que eu vou comer hoje? É um negócio imediato. “Já almoçastes? Vai jantar aonde?” Foram embora. Primeira noite eu dormi na rua, cara. Dormi na rua, primeira noite. E aí o relógio e o dinheiro sumiram. Verdade mesmo. Duraço. Aí fui morar em Anchieta, na casa de um amigo lá da igreja. O Derval. O Anchieta é longe. Pegava o trem e ia quase no final da linha do trem. Aí fui morar lá num quartinho na casa da mãe dele. Era ele, a mãe e eu. Aí pegava o trem, ia lá pra gravar, na Urca. Comecei a fazer a

escola de teatro e dormia na casa de um lá, depois na escola de teatro. O Breno morava em Petrópolis, eu ia dormir lá também na casa dele, do pai dele, da família. Não era com ele não, a gente não... eu hein! E às vezes a gente dormia no aterro pra poder acordar cedo. Sábado era dia de aula de manhã. A gente estudava de noite, mas era de manhã. Então a gente ficava ali, disfarçava e tal. Lembro-me muitas vezes de dormir em ônibus, de ficar no ônibus, acabava a viagem e ia de novo... Frio danado. Ficar nessa situação. Começar de novo. Tudo de novo.

P1 – Perfeito, mas eles foram embora, venderam a casa, acabou? É isso?

R – Não. Não venderam casa. Não tinham casa.

P1 – Entregaram a casa...

R – Entregaram a casa. E eu falando sempre que: “Não. Tenho, tenho lugar pra ficar”. Então esse lugar e comecei a me enturmar na escola de teatro, de repente comecei a morar na casa de um outro amigo que era gay. Convidou-me. Diretor, ele dirigiu uma peça que eu fiz. Que eu fiz não. A prova da turma dele era eu que era o principal ator. Mas aí nunca me chateou, nunca me incomodou com isso, não. Sempre fino. Sempre fino. E aí morava na casa dele em Copacabana também. Casa do Breno, Méier, Tijuca... Eu morei em uns 40 lugares diferentes nesse tempo, nesses três anos de escola de teatro.

Na escola de teatro eu fiquei, lógico, famoso. O meu nome... inventava coisa pra caramba. Inventava divulgação das cenas. Abria o vaso assim aí estava lá: “Peça tal...”. Nos lugares mais inusitados. Inventava coisas. Davam certo as minhas coisas, as pessoas iam. Eu me lembro que quando eu fazia as cenas o professor me dava zero. Quando eu fazia o que eu achava ele me dava zero. Eu falei: “Mas porra...”. “Tu vê isso no teatro?”. “Mas eu não tô aqui pra fazer o teatro que fazem, cara. Eu tô aqui pra renovar o que eu vejo lá...”. Aí a próxima prova eu fazia um negócio já parecido pra tirar dez, de acordo com o que o professor achava: “Porra, você melhorou muito”. A outra aula, na outra prova eu esculhambava, fazia um negócio bem da minha cabeça mesmo, diferente. O cara não entendia: “Isso não é teatro...”. Tudo bem. Lembro-me que eu tive uma coisa assim. Não sei se eu falo isso... Assim, meio decepcionante pra mim na escola. Tinha um professor que a gente queria muito, ele era muito famoso, todo mundo queria ter aula com ele, que era no último ano, ele dava interpretação, que era o Amir Haddad. Eu: “Porra, o Amir Haddad”. A aula, eu não faltava na aula. Um mês, o cara: “Porra, incrível!”. Daqui a pouco, cadê o cara? Foi montar uma peça. Aí não ia na aula. A gente chegava na aula, não tinha aula. Eu falei: “Vamos nós seguir com isso? Vamos, nós montarmos, nós mesmos. A peça é essa, vamos desenvolver”. Aí começou: “Vamos embora...”. Todo mundo já animadão. Um mês antes de sair chega o cara. Aí eu: “Professor, a gente...”. Não deu a menor bola, tu eras um merda, entende? Porra, a gente fez uma porção de coisa. Aí de novo, seguindo o que ele falou, negando tudo o que a gente estava fazendo, do jeito dele, ele é professor. Mais dois meses. O cara some de novo. Cuidar da vida dele, direção, dava mais dinheiro. Aí começava, e daí ele voltou. Eu falei assim: “O negócio é o seguinte, a gente fez isso aqui...” peitei. Também, sumi da aula. Porque o meu jeito é assim, não é ir contra ninguém, não, mas é seguir a minha vida. Não dependo de ninguém. Legal. Dependendo porque a situação, a estrutura era aquela, então o cara vai dar aula. Agora, a hora que o cara não quer mais dar aula, não vou reclamar porque não foi dar aula. Vou seguir a minha onda.

Então uma decepção, tanto que eu nem peguei diploma. Depois eu não tinha dinheiro pra pagar a matrícula, eu não tinha mesmo porque eu me dedicava àquela parada e o que eu ganhava da televisão era muito pouquinho, era pra pagar as minhas coisas. Então eu não achava por bem eu pagar a matrícula. Uma grana. Então eu ia lá perguntar: “Olha, eu não tenho dinheiro pra pagar a matrícula...”. Os caras não acreditavam... Quem nem quando eu era pequeno, estava bem arrumadinho e pra vender limão era difícil. O cara também não acreditava que eu não tinha dinheiro. O Pernambuco de Oliveira era o diretor. Era cenógrafo, autor da “Revolta dos Brinquedos”. Aí: “O que tem que fazer pra dizer que eu sou pobre?”. “Atestado de pobreza lá na delegacia”. Eu fui no atestado da delegacia. Trouxe. O cara não aceitou, cara. Nem peguei o diploma. Hoje já até o diretor da faculdade que é até reitor, que é meu amigo já falou: “Vai lá, fala com tal pessoa. Eu resolvo isso pra você...”. Paciência. Mas assim, esse negócio de ser “bad boy” vamos dizer, sem ser “bad boy”, ou seja, você é assim, não é contra, é diferente daquela estrutura sem querer detonar ela, mas só pela existência do teu proceder esbarra com essa parada. Então a minha onda foi essa.

Aí na escola de teatro, que aí já começou o teatro. Aí começou o teatro, já zona sul, não ia mais pra Olaria. O meu mundo passou a ser o lado de cá. Já morava com uma galera também, numa comunidade, que era época de comunidade. Fui muito contido com o negócio de drogas. Tive acesso a maconha, quando esse cara que me iniciou, esse menino que eu fui morar em Copacabana: “Pô, fuma aí...”. Fumei. Viajei. Tive uns discos voadores na época, era a época do Raul Seixas também, via discos voadores final de semana lá em Copacabana. Outras drogas, também tive acesso a cocaína, mas muito pouco, ao contrário do meu entorno. Porque assim, a vantagem que eu tinha de não ter entrado nisso era assim: eu sou pobre. Pobre, se é pego com cocaína ou é preso ou vai pro pinéu tomar choque, drogado. Eu não tenho pai pra me tirar. Eu não tenho família pra me tirar, nem psiquiatra. Então esses caras tudo que estavam em volta de mim eram tudo riquinhos, todo mundo classe alta. Vai pra uma clínica. Eu não. Então, o que vinha sempre na minha cabeça era isso, “Porra, tu não pode porque tu vai em cana, tu é pobre”. Então ser pobre me salvou de não ser viciado. Se eu comprei cocaína na minha vida, três ou quatro vezes foi muito. Não tive problemas com isso e todo mundo em volta... Caziza, doidaço. Bebel... Um monte de gente no entorno se estragando geral, se estragando realmente forte. Tanto que, por exemplo, depois que eu fiz o Circo Voador eu nunca nem fumava maconha. Nada. Nem bebia, Nada. Porque eu falei, o que eu conquistei foi tão incrível, que eu fazer esse espaço numa hora da ditadura, que eu não vou deixar perder ele porque nego pode me pegar por causa de uma droga dizendo: “Porra, doidaço...”. Doidão não, cara. Eu não. Todo mundo fumava, menos eu. Não era porque era careta não, era pra segurar uma onda porque eles vão vir em cima de mim e eu não tenho sujeira nenhuma. Nenhuma.

Então era essa a consciência do que eu estava fazendo no momento. Estávamos falando de 73 aí me apareceu o Asdrúbal Trouxe o Trombone A Nina, a primeira mulher que eu namorei mesmo que aí... Ah, engraçado. Antes disso, olha só, apareceu o “Calabar” do Chico Buarque. Peça de teatro com a Fernanda Montenegro produzindo. E aí eu fui fazer um teste. Eu e a Nina. Eu passei pra fazer o povo, mas aí alguém da hierarquia dos atores não pode fazer, aí foi vindo. Veio pra mim um papel dos principais na peça. Eu fazia o Felipe Camarão, um índio aculturado. Tinha música, o Chico fez música pra mim. E aí eu estava namorando a Nina, apaixonado, mas eu tinha um problema também que eu comecei a ver que era um negócio de fimose, que me doía. Aí, cara, eu tenho que operar a fimose, senão como é que eu vou comer essa mulher, rapaz. Então saquei que eu tinha que fazer isso. Aí, porra, dinheiro. Como é que eu vou fazer essa operação?

Aí fui no reitor da época Soube que lá operava. Fui pedir se ele não podia me arranjar uma vaga lá pra eu me operar. Ele me deu um papel... Isso eu tô contando pelo seguinte: eu fui operar sozinho, os caras cortaram lá o que tinha que cortar. Costuraram. Eu peguei o ônibus, sozinho, e fui ensaiar porque era o dia em que o Chico ia mostra a música que ele tinha feito pro Felipe Camarão. E aí fui lá pro ensaio, não posso perder essa oportunidade. Fui pra lá. Todo com o negócio aqui, não podia ficar duro de jeito nenhum porque os pontos estouravam. Aí queriam ensaiar a

coreografia. Na hora de ensaiar a coreografia eu falei: “Olha, eu vou falar um negócio pra vocês, cara. Eu não vou ensaiar porque...”. Não queria criar problema, deixar problema, sabe? “Chico, é o seguinte, cara, eu operei a fímose...”. “Que? Porra, cara, que loucura, que isso, você tá aqui?” Aí nego falou: “Não, vai embora. No mesmo dia, eu operei de manhã, de tarde eu estava lá ensaiando com a porra que nego fica deitado, sabe? Eu arranjei um papel, ganhava uma grana legal. Primeira vez que eu comecei a ganhar um dinheiro legal de teatro, um negócio que eu fiquei todo orgulhoso porque eu fiz um teste pra povão e eu ganhei um papel... Fernando Peixoto, Bete Faria, Chico Buarque, Rui Guerra, comecei a ficar amigo dessa turma e aí foi proibido. Foi proibido. A polícia não deixou. Aí teve uma festa na casa do Chico. E morava na Lagoa. E todo mundo: “Coitado do Chico, coitado, os caras foram proibidos”. E eu ia morar com a Nina, a gente ia alugar apartamento. Agora eu ganhava, vamos dizer, eram mil e duzentas pratas eu ganhava na época, a menina ganhava setecentos. Aí hoje seria sei lá, cinco pau.

P1 – Mas vocês ganhavam bem então.

R – É, eu tinha um papel, um dos papéis principais da peça, ganhava um dinheiro legal e era um contrato assim, que a gente ia viajar o Brasil, então era quase um ano de contrato e a gente ainda estudava, não estava nem formado. E aí fomos pra casa do Chico, ele todo revoltado, gritando. Eu me lembro que foi a primeira vez que eu vi uma garrafa de cinco litros de uísque lá, todo mundo bebendo e eu com uma fome do cacete rapaz, falei: “Pô, ficar bebendo esse negócio vou ficar de porre, como é que eu vou almoçar amanhã?” A ditadura deles, pô era ideológica, a ditadura minha era de existência. Peguei uma banana, eu comendo achando que eu estava roubando alguma coisa na casa. Eu não tinha coragem de dizer que eu estava com fome porque não era esse nível. O nível era gritar contra a ditadura, o nível era comer um pedaço de pão e beber alguma coisa, senão eu não ia conseguir beber, todo mundo ia beber.

Mas assim, desse tempo eu me lembro dessa grande cena, que essa grande cena só eu acho que passei, ninguém passou, é original. Reclamar que a ditadura proibiu, todo mundo passou. O Chico reclamando da ditadura, tomando uísque e eu com fome. Todo mundo “Coitado do Chico, coitado” e eu desempregado, ia casar. Dançaram todos os meus sonhos, foi mais completo o meu corte.

Aí seguiu e me lembro que eu conheci um cara chamado Orlando Miranda e veio a ser um cara muito importante na minha vida até hoje. Esse homenzinho era produtor “careaço” de teatro, “careaço” e aí queria montar uma peça de teatro e aproveitou a estrutura, chamou o mesmo diretor e me contratou, e quase o povo todo do Calabar ele contratou pra fazer a peça dele que chamava “Ator em Concurso”. Aí foi conversar comigo, me ofereceu um dinheiro, pouco, eu passei a não falar com ele porque o dinheiro era muito pouco, mas ele falou que ele me pagava, mesmo se não desse certo ele pagava o que ele tinha combinado. Então ele não ia oferecer um negócio que ele não ia poder pagar. Se quisesse ficar, ficava. Fiquei. A peça foi o maior sucesso. Eu também, pra variar, me deram um papel um pouco... eu era o chefe do povo, eu não era o povo. O povo ganhava pouco, era uma classe e eu era assim o chefe, já ganhava um dinheiro e tinha um negócio.

Então, enquanto eu estava na peça, chamaram-no para ser o diretor do Serviço Nacional do Teatro, que era o governo, o órgão do governo que cuidava do teatro. O ministro era o Nei Braga e apareceu um negócio pra gente apoiar ele. Eu falei que não o apoiava não. Eu não ele era muito careta e ele pagava muito pouco. A liderança, ninguém fechou com ele. Ele foi lá, se explicar, porque ele foi uma indicação da classe que o governo estaria aceitando. Essa classe unida em função dele porque ele era assim, ele era meio direita e tinha confiança do pessoal. Então era possível ele estar nesse cargo. Se fosse um cara de esquerda não estava, então ele era o cara. E aí ele foi conversar com a gente: “Porra, se eu não tenho apoio do pessoal que eu tô produzindo...” Tá, então tudo bem. Assinamos lá e tal, que era assim muito fácil pra mudar de idéia também. Pô, o cara tá aí pedindo, vou ganhar o que com esse negócio? Aí a peça foi, cara, o maior fracasso. Não ia ninguém, iam dez pessoas. Só que a gente, o povo, como a gente era, vinha unido desde o Calabar, a gente adorava fazer, cara. E toda hora inventava, todo dia a gente experimentava um negócio novo, sabe? Ia mais cedo, gostava do negócio. Começaram a reclamar da gente porque a gente inventava coisa na hora e não esperavam. E quando via, o cara não estava mais lá, dizia outra coisa e se enrolava todo e a gente animadão, discutindo. “Pouca gente, não vem ninguém, pô, vamos ficar experimentando”. E aí entregaram a gente, falaram que a gente era da esquadrilha da fumaça, que atrapalhava não sei o que. Aí botaram, a gente estava proibido de criar. E aí a gente já imediatamente: “Proibido de criar...”. Sério, já no mesmo dia já tinha o maior samba de “Proibido de criar”. E o Orlando começou a ir, começou a ir de noite pra ver. Ele via e começou a perceber quem é que eram os atores que ele estava louco pra não ter. Louco pra não ter, pra ir embora logo, entende? A gente louco pra ter alguém. A gente fazia com duas pessoas, uma, qualquer um. Se não tivesse ninguém a gente até... Porra, a gente estava curtinho era fazer teatro, não era só público. Se tivesse público, tudo bem, se não tivesse também tudo bem porque a gente queria fazer.

Aí ele começou a reclamar, a pedir substituição. Aí ele me chamou e falou: “Agora que eu vi. Vocês é que gostam da parada. Então eu vou fazer o seguinte, vou falar: quem quiser ir embora pra ir e vou te pedir pra você dirigir de novo e a gente reestria e você, eu te aumento, te dou mais dinheiro e você redirige. Que você acha?”. Eu falei: “Tem que falar com o diretor” porque o diretor que dirigiu, que era o meu do Calabar, Fernando Peixoto, estava doente com hepatite em São Paulo. Aí eu fui a São Paulo, falei com ele, ele falou: “Tudo bem. Tudo bem”. Chamei algum pessoal do povo pra ir ocupando outros espaços, dos outros caras. Eu também já tinha um personagem também que fiquei. Juntei todo mundo e falei: “Vamos fazer um negócio coletivo aqui e tal” pra me sentir mais seguro pra apoio de todo mundo, aí reestreu.

Pintamos o teatro todo, lavamos o teatro todo, mudamos as placas lá fora. Tudo, tudo nós mesmo que fizemos. Nós mesmos que lavamos tudo, pintamos o teatro todo. Aí ele ficou louco. Aí ele foi pro Serviço Nacional do Teatro mesmo e ganhou um cargo lá. A gente reestreu, deu certo. Foi um pouco de gente no começo, depois não foi. Eu de novo fiquei duro. Acabou a peça, também ficou três meses ao invés de ficar seis. Aí fui pedir emprego pra ele lá. E eu já nessa época usava uma cartola preta que era o maior escândalo. Eu era maluquinho. Usava uma bengala, cabeludão, uma cartola... Entrava, todo mundo ficava olhando. Eu achava aquilo incrível. Já me sentia um artista, sabe? No dia a dia. Já atuava. E fui lá com ele nessa cartola. Aí ele falou: “Legal”. Falei “Porra Orlando, trabalhar aí tal, eu tô duro...” Ele, sem preconceito nenhum, não mandou tirar a cartola, não mandou eu parar com a bengala. Tudo bem. Aí eu fui pra um teatro, eu pedi pra ele pra ir pro Cacilda Becker, um teatro que tinha ali no Flamengo, numa galeria. E aí eu fui lá e vi que o Serviço Nacional do Teatro tinha ganhado aquele teatro e ia fazer obra. Eu fui lá, estava tudo parado lá, falei: “Orlando, me bota naquele teatro lá, Cacilda Becker. Deixa eu ir pra lá trabalhar” aí ele falou: “Ah, então tá”. Eu fui pra lá.

Cheguei lá tinha uns quatro caras que ficavam sentado. Falei: “Vamos reformar”. Os caras “Não, mas eu não sou, eu não sou... Eu sou porteiro, eu sou não sei o que”. Falei: “Eu também não sou nada, eu não sou nada, eu sou artista. Eu quero um teatro, então...”. E o projeto era do Pernambuco de Oliveira, do cara que era da escola de teatro, que não ia lá, nunca mais tinha que ver o projeto. Aí eu falei: “Pô, então eu vou começar a obra. Eu que vou começar”. Peguei uma marreta, comecei a bater uma marreta, quebrei o chão todo e eles achavam que era brincadeira, os caras. Acha que esse amigo aí vai ficar meia hora com esse negócio... Fiquei três dias, cara. Quebrei o chão todo com uma marreta sexta-feira, uma marreta de quinze quilos. Fui morar no teatro. Arrumei um negócio lá, uma sala toda esculhambada. Aí o cara: “Também

vou te ajudar” e começou todo mundo que viu que o negócio ia rolar. O Orlando foi lá: “Cara! Com essa tua vontade aí de fazer eu tenho que arranjar, cara. Eu vou ter que arranjar.” Aí eu ficava a madrugada pelo corredor da galeria, empurrando tudo. E comecei a coordenar a obra, a comprar e arrumar dinheiro com o Orlando. E já dar dinheiro do meu. Aí tava esses caras, os negócios de teatro, os que querem o teatro do lado ali, falei assim: “Porra, ajuda a gente aqui?... Eles discutindo quem vai ocupar.

P1 – Quem vai ocupar o Cacilda Becker?

R – Quem vai ocupar o teatro. E eu “pá” com a marreta, falei: “Pô, vocês não têm idéia do que é essa porra, cara. Onde é que tá o poder. O poder esta em quem tem a iniciativa de fazer trabalhar, eu não acredito em conversa, cara.” Também não discutia porque eu preferia estar disputando isso aqui do que de conversa fiada. Ir pras reuniões, trinta, quarenta reuniões pra decidir quem vai... E aí os caras começaram a ficar meus amigos, todos os pedreiros. Que começou a ter um pouco mais de dinheiro. Orlando tirava dinheiro de uma parada pra outra verba de outras verbas. E aí eu experimentei esse negócio da animação. Primeira vez que eu vi isso. Como é que uma pessoa animada pode fazer em qualquer lugar, pode animar obra. É necessária essa figura. E era um negócio assim, eu via que estava acontecendo em mim. Ficava até tarde, virando a noite lá. Funcionário público. Ganhava um salário de funcionário que ainda dividia com mais três caras porque ele tinha poucos cargos, então ele te dava um salário, o salário era cinco mil vamos dizer, mas aí tu tinhas que dividir com mais dois pra poder ele ter vaga pra mais dois trabalharem. E eu recebia e devolvia.

Quando ele o viu começou a me imitar lá no serviço: “Vou fazer que nem o Perfeito aí”. As pessoas que não estavam dando certo ele mudava, ele mesmo carregava as mesas, começou a fazer... É um estilo. Eu virei um estilo, entende? E ele começou a me imitar e a mudar tudo lá e o caramba, e eu com o teatro aqui. Aí ele pô, encantado e eu ali, virando. Falei: “Esses caras do Pernambuco, Orlando...” também tinha sido sócio dele o caramba... Aí nós começamos, o cara dava projeto, a gente, com os carpinteiros, a gente inventava então uma varanda aqui, lindona que a gente inventou aqui, em madeira, toda de madeira. Na hora de inaugurar catei a assinatura da Cacilda, que é o nome que está escrito da própria assinatura dela. E eu viradão, ele falou: “Olha, eu vou te tirar daqui porque senão cara, tu vai ficar com uma autoridade tão grande, porque tu tens tanta moral de ter feito isso aqui. E aí tu faz outra coisa senão tu vai ficar até brigando com as pessoas porque com esse direito que tu tem” Cara fino. Cara sacador mesmo.

E aí quem foi estrear lá? O Asdrúbal. Eu falei: “Esse grupo eu quero”. O Asdrúbal inaugurou aquilo lá com o Ubu. O “Ubu Rei”. A segunda peça. A primeira foi o “Inspetor Geral” e o Ubu foi pra lá. Eu fiz o teatro, já estava assim que eles iam e eu estava construindo pra eles. Estrearam lá e eu fui. Pela primeira vez eu viajei de avião. Pô, me lembro da sensação de viajar de avião, incrível cara. Aí o Orlando falou assim: “Eu vou te mandar para um festival lá no Ceará. Tem um festival de teatro amador e eu te dou de presente pelo seu serviço aqui uma viagem e você fica uma semana, dez dias lá no festival, conhece o Brasil...” um presente fino e eu fui.

Cheguei lá cara, porra, não ia ninguém nas peças. Aí eu comecei a imprimir papel, ir de porta em porta entregar papel, nos teatros de noite, nas boates. Não conseguia parar. Aí ele ficou: “Esse cara é maluco” assim pra mim. E hoje, até hoje é meu pai, meu pai assim que também se considera isso, ele se considera porque ele também não teve filho. Eu me lembro a primeira vez que eu vi essa palavra “animador cultural” foi lá, no INACEN, ele falando que ele tinha tido uma reunião lá em Brasília, que eles estavam querendo investir agora. O ministério que na época era Ministério da Educação, não era separado, era junto e era o tal da “animação cultural”. Mas o que é animação cultural, o conceito? E aí, engraçado, quando eu comecei a agir fora, aí nego riu. Animação cultural é isso. Então esse conceito de animação cultural era alguma coisa teórica até que eu surti e aí viram que o que era animação cultural: era eu.

Então o Orlando com o Inacen... A Nina, a gente junto, campanha de Kombi. Experimentou-se um tempo com o Orlando Miranda, que eu não posso deixar de falar isso aqui, que ele pra mim foi fundamental por ter acreditado num maluco e ele era uma instituição. Era o Serviço Nacional de Teatro, era o órgão mais importante do teatro e eu era assessor dele. Eu me dava esse título de executivo andrógeno. Eu andava com uma pasta assim meio merendeira, cabeludão e ele não me cortou em nada. Eu era o único que entrava a qualquer momento na sala dele pra dizer o que eu quisesse. Ele estando irritado, que ele era muito irritado porque assim, corrupção não tinha nem uma chance. Lembro-me na época do Natal, ele jogava os presentes que chegavam pela janela, de nego fornecedor que ia lá, entregava e gritava, e fazia disso um show pra nego entender que não era permitido. Ele era completamente honesto, nunca vi ninguém assim. E a gente virava noite no serviço público. Sem ganhar nada. Só pela energia desse cara que era a favor e nunca vi cara mais democrático na minha vida. Ele era de direita, não deixava de dizer isso, mas eu me lembro que na época do Asdrúbal, que eu estava trabalhando eu dizia: “Porra Orlando, essa peça do Silva Filho, essas peças... Porra, de teatro de revista...” e ele fala assim “E só você? Só você que faz alguma coisa interessante? E os outros? Só porque é diferente de você? Os caras têm setenta anos cara, quer que eles façam o mesmo que você faz? Você tem a obrigação de fazer isso e eles de fazer aquilo. Eles não sabem fazer outra coisa e nem vão pesquisar, cara. E eu também não vou deixar morrer. Então me interessa você e me interessa ele. Interessa-me tudo”. Cara, incrível. Aprendi mesmo que era um senhorzinho caretão, só ensinava, só ensinava. Quer dizer, eu também sou da teoria de que não se ensina, é a pessoa que aprende. O saber tá passando daqui, pode ter dez pessoas aqui, três aprenderam e sete não aprenderam, porque não está preparado pra aprender. O saber está passando, o cara não está ensinando, ele está só sendo e você tá pegando.

Então eu aprendi. Com ele eu aprendi, aprendi... Ele era funcionário público, então como funciona empenho, projeto, todos esses negócios que eu não sabia porque eu estava ali. Acho que depois com a Fundação Progresso, com o Circo Voador, vim ver a importância de onde eu andei. Eu fiquei um ano... engano, não foi com cinquenta e sete anos que eu tive o meu primeiro salário. Nessa época eu tinha salário. Fiquei um ano e pouco com salário. Aí chegou o Asdrúbal, chegou pra mim, eu fiz uma peça também em São Paulo no Teatro Aplicação, acho que era Aplicação, do Luiz Mendonça, era um negócio nordestino, “Cordão Encarnado”. Era isso, eu também fiz isso. Morei com a Elba lá em São Paulo, neste teatro. Elba Ramalho começando ali, então, a gente duro pra caramba em São Paulo. Então aí eu falei pro Orlando que ele estava indo pra São Paulo, ele me deu uma licença, aí veio o Asdrúbal. O Hamilton falou com a Nina que ia sair uma turma, saiu o Daniel, saiu a Gilda, que também queria fazer um negócio comigo, vieram falar comigo se eu não queria montar um espetáculo com essa outra turma que estava se desentendendo do Asdrúbal e ia se separar. E os dois me queriam, mas quem chegou primeiro, que estava mais estruturado era o Hamilton e a Regina que já tinham feito Ubu e o Inspetor Geral, mas que estavam nessa separação. O Ubu não deu a mesma repercussão que deu o Inspetor Geral, então eles estavam duros também.

Então eu e a Nina entramos no Asdrúbal. Aí eu, com a minha visão de produção, falei: “Vamos remontar o Inspetor Geral e vamos viajar pelo Brasil”. O Orlando: “Porra”. O Orlando tinha no Serviço Nacional de Teatro, um projeto de viagem, de ajudar viagem. Dava estadia, alimentação e passagem pra você viajar pra uma cidade, uma capital e duas cidades do interior. E aí a gente foi pra Brasília, Belo Horizonte e Brasília. Remontamos o Inspetor aí fomos para Belo Horizonte e fomos ficando sensacionais, cara. Era maravilhoso o Inspetor. E aí ficamos no Teatro

Marília lá e esse teatro era loucura porque a gente morava no próprio teatro.

Conheci o Milton Nascimento. O Milton foi ver, adorou o espetáculo, ficou amigo nosso. O Fernando Brant, que era o parceiro dele também. Então a gente começou a se organizar de novo o Asdrúbal e fomos pra Brasília. E aí o Orlando me deu um cara lá de Brasília que era assessor do Ministro da Educação, Fernando Bueno. E aí que ele, no gabinete do ministro, cara, ligando: “Mamãe, tô aqui no gabinete do ministro” que a gente podia ligar, sabe? Aqueles malucos que aí exageram. E aí expedimos em Brasília, cara, foi espetacular. Começamos a fazer o interior do Estado assim..

P1 – Do Rio?

R – Do Rio. Que era um negócio mais absurdo que a gente fez porque a gente ia em colégio, cara. Acho que nego não leu. Era o Grisolli, que era o diretor, ele era o chefe do departamento do Estado desse negócio de educação e tal, e comprou. E a gente fazia às vezes dois espetáculos no mesmo dia. Numa escola e depois na outra no mesmo dia. Tinha uma cena em que a mulher do governador é corneada. O governador é corneado pela sua senhora ao mesmo tempo em que a sua doce filhinha é passada na cara. Aí fica assim, com a bunda pra cima assim, o inspetor geral ficava com a mão na bunda e passando a mão na filha. Lembra disso? Enquanto vai ser corneado pela sua legítima esposa ao mesmo tempo que a sua doce filhinha é passada na cara. Vocês me desculpem a rudeza dos termos, mas essa é a dura realidade. Aí na sala com crianças de dez, doze anos, cara. Acho um absurdo, que a gente não se tocava. Porque assim, quando a gente viu estava nisso e já estava lá. Aí fomos presos lá em Barra do Piraí. Preso em Barra do Piraí porque a história do “Inspetor Geral” era contando que de repente se descobria que um inspetor lá de Moscou ia pra ver, aí descobria um monte de corrupção. Aí o prefeito achou que a gente estava inventando aquilo, que era com ele, que a gente fazia tão normal. Então nós falamos: “Filhinha, vai passar na cara...” era tudo, cara...

P1 – Só quem é que estava? Você...

R – Era eu, era Regina, Luiz Fernando, aí o Jorge tinha saído também, era o Hamilton que fazia. O Daniel estava, Daniel, Daniel Dantas. A Gilda não estava, já era outra. A Nina estava e estava a Regina Linhares, era outra mulher, éramos nós. E aí o cara cismou que o que a gente estava fazendo, estava inventando na hora, que era época da ditadura e ficamos nós presos lá. Ficamos preso porque o cara não deixava a gente sair porque inventou... Nossa deu um trabalho desgraçado... Também a gente nessa época, Volta Redonda, um maior hotelzão, a gente não está acostumado com aquilo. Era um tal de nego pedir coisa e não sei o que, e ligar. Aí no dia seguinte o prefeito putaço porque a gente exagerou, sabe? Pediu três caipirinhas logo, seco não sei o que, entende? Porque estava deslumbrado, tdo garotada. A gente dirigindo de carro e aí de repente um hotel daqueles que fica o pessoal de Volta Redonda, da siderúrgica, que vão os executivos japoneses tudo. Um hotel cinco estrelas e nós lá, entende? É tudo pago, a gente botando pra quebrar e rindo, e outros piores ainda. O Cacá então, que era da contra-regra pediu... Loucura. Fez loucuras. E aí eu também, acostumado a: “Não, não, não. Deixa eu falar com o cara...” e aí a melhor coisa que tem no mundo é você se humilhar, pedir desculpa, o cara te dar o maior esporro e você: “Tem toda a razão. Tem toda a razão”. Que aí tu libera ele, porque ele se sentiu enganado e tem todo o direito de se sentir enganado e de dar uma aparada. Senão a gente vai falar o quê? A gente foi bobo mesmo, entendeu?

Eu me lembro que eu fazia isso nas caronas. Tinha acontecido uma vez isso comigo. Também exageramos, aí ainda pagamos, queríamos pagar pra meninas que serviram. Pedimos pro prefeito pra ele arranjar um lugar pra gente ficar, ele ia botar a gente no maior hotel. A gente pediu altas comidas, “Não quer tomar nada não? Por conta da gente?”. Aí porra, as meninas ficaram bebendo, nós também, aí pediu cada putaça... “Desculpa, me desculpa, foi um erro nosso, a gente não está...” sabe? Também aproveitei isso.

Viajamos isso tudo e aí começamos a montar um espetáculo novo. Que era o “Trate-me Leão”, que era uma coisa que a gente não sabia se aquilo era uma loucura, se ninguém ia entender. A gente começou, ficamos nove meses ensaiando. Uma linguagem que a gente também não conhecia, nunca tinha visto no teatro. A gente inventou um negócio, cara, que hoje todo mundo pensa que era assim sempre, mas não era assim. Como a cor da camisa que demorou muito tempo até todas as cores serem usadas, até se poder usar alguma coisa que não fosse branco e preto, branco e cinza, ou coisa escura, preto e cinza. Até abrir pro amarelo e pro rosa, pro azul, custou um tempo. E aí abriu tudo e parece que sempre foi assim. Não, não. Eu vi essa passagem que vinha há muito tempo. Então Asdrúbal inventou um negócio que era isso aqui ó: antigamente o teatro era assim: sala de jantar, aí tinha a sala de jantar com os móveis de sala de jantar, com pratos no jantar e tal. Aí no segundo ato fechava a cortina, tirava a sala de jantar e mostrava o quarto da noiva. A gente só com gesto aqui já estava o corredor todo. Demarcava só em gestos e também não era mímica.. Mímica é quando você vai abrir a porta e aí você fica ali. É isso. A gente só com esse gesto já entrou ali. Um cenário estava vazio, mas aí era uma casa, aí o cara entrava naquela porta, entrava naquele corredor. Essa pra mim foi a maior revolução da gente. Que aí permitiu com que fique barato fazer cenário. Desperta a tua criatividade, você inventa. O público também tem que inventar e tira esse realismo, essa possibilidade só realista, naturalista de você ver aquilo daquele jeito, não poder imaginar.

Além da gente também ter botado no palco os assuntos de uma juventude. Porque assim, quando a gente foi pesquisar pra fazer uma peça, a gente queria montar uma peça que tivesse o ponto de vista do jovem no palco. Normalmente as peças que a gente encontrava tinham personagens jovens, mas eram escritas por caras mais velhos e sempre o jovem ou era o revoltado que estava errado... Sempre tinha uma moral, ele não era o cara que podia errar, mas estava se expondo. Ele era o filho que tem problemas com o pai, entendeu? Era sempre do ponto de vista de um cara mais adulto. A gente não encontrou nenhuma peça que falasse, tanto que eles até quando montaram o Ubu, o Ubu era do Jarry, tinha dezessete anos ou dezesseis anos quando escreveu essa peça. Já era assim, tinha que botar um outro ponto de vista. O ponto de vista que existia na nossa época é o ponto de vista da ditadura, da ditadura ou da repressão. Então o teatro virou um lugar político onde as pessoas discutiam idéias políticas, pontos de vista. Virou um teatro panfletário. Aí a gente veio com Trate-me, “Trate-me Leão” que discutia os nossos assuntos. Fomos improvisar sobre os nossos assuntos: sexo, trabalho, violência, escola, educação. Era esse o assunto no ponto de vista de quem ainda não estava formado. A gente não sabe direito pra dar lição de moral. A gente tem esses problemas, esse aqui, esse aqui, esse aqui, entendeu? Não temos nem solução. Quem que tem solução?

Então a gente quando estreou aqui no Rio, três horas e pouco de espetáculo, mas algumas pessoas viram que era uma coisa diferente, os críticos, alguns. Lembro-me até que o Yan Michalski que era um dos críticos, que era o meu professor também na escola de teatro, que era um cara considerado. Ele era todo assim porque o teatro naquela época era o maior barato, porque ele falava gíria, ele botava gíria no jeito dele, então ficava um negócio... Então, esse é o homenzinho que também falou do texto, que o texto era fraco. A gente copiou do Gorki, só que a gente ao invés de botar eles falando de livros, sobre a literatura, botou eles falando de televisão. Ela vendo a televisão e vendo que “Ah, essa porcaria da babá, de casa...” usou a mesma estrutura. E ele adorava o Gorki. Ele deu aula de Gorki, Tchekov que eram os caras que ele mais gostava. Ele

não conseguiu reparar, falou o nome inclusive deste texto que era do cara, quase que inteiro. Aqui no Rio chamavam de farofeiro, que esse espetáculo só interessaria ao Rio de Janeiro, que era muito zona sul, muito de Ipanema.

E aí fomos viajar pelo Brasil. Aqui fez muito sucesso e aí de novo eu vou lá no Serviço Nacional de Teatro, “A Perfeito, vai lá...”. E aí levo o maior esporro do Asdrúbal porque era o Conde que fazia a produção e eu era o diretor; o Conde era o executivo, mas eu nunca assumi que eu tinha a ver com a produção. Eu contava o público desde o começo, sabia quantas pessoas tinha. Quando entrava no palco, sabia quando estava dando, tudo. Tinha as contas tudo. E aí: “Vamos lá no Orlando. Vai lá no Orlando” falei no Orlando, o Orlando me dava menos dinheiro. “Porra, ele te dá menos dinheiro do que dá pras pessoas”. A Casé, me lembro que a Casé ficava reclamando que ele dava menos. Aí o Orlando falou assim: “Pra você eu não vou te dar dinheiro não. Vou te dar menos mesmo. Pra você eu vou te dar todos os meus amigos. Você vai pra Porto Alegre, você vai nesse hotel, você vai nessa gráfica, você vai nessa rádio... Isso é o que eu dou pra você. Pra você aprender que se não você chega com dinheiro fácil e compra tudo, nem percebe. Agora os meus amigos, eu trabalho nisso há mais de trinta anos e conheço as pessoas e pra essas pessoas, eu dou pra você essas pessoas. Falem meu nome com elas. Teus preços vão ser mais baratos. O que você precisar elas vão te dar”. Esse era o cara. Ensinou-me mesmo! E eu, pô, tendo que encarar falei “Pô, como é que eu vou explicar isso pra Casé?”. Eu mesmo não entendia o que significava isso, mas ele já sabia.

Aí fomos. Porto Alegre, estreamos no Teatro Presidente, que era um teatro mais retirado, que cabia umas mil pessoas. Primeiro dia acho que foi uma quinta-feira, a gente ia de quinta a domingo, umas quatrocentas pessoas, que quando terminou vieram falar com a gente que já tinham visto aqui uma turminha. Estava essas quatrocentas, já tinha uns oito ou dez que tinham visto no Rio, então chamaram alguns cem, que eram deles, o resto era o público. Só que o segundo dia foram mais de mil. O terceiro dia a rua toda cheia, cara, e a gente... as críticas aqui falando que era zona sul, que não interessava para Brasil, que era coisa da zona sul. Aí nós tivemos que ficar mais uma semana e não tinha vaga. A rua com mais de cinco mil, sobrava todo dia, a gente assim se sentia os Beatles. A polícia tinha que abrir pra gente poder entrar no teatro. E tudo jovem, tudo jovem. Gente que nunca tinha ido ao teatro, não gostava disso, achava chato. Nego achava que a gente estava inventando na hora, porque a linguagem era muito coloquial. Nego não está acostumado com isso. O teatro era todo impostado. E de repente a gente assim, eles achavam que a gente estava inventando, aí subia também no palco “Porra, que situação, como é que a gente vai tirar essas meninas daí?” A garota ali, tinha uns dez deitados no palco, à vontade. E me lembro disso. Lembro-me também que pra gente estrear lá, a ditadura era a censura. E também a gente também era diferente, porque a gente não estava fazendo a peça que estava proibida, que eles iam proibir a peça. Aquilo ali era a nossa vida. Então na hora que tu eras censurado, ele estava censurando você, cara. Você que achava aquilo.

E aí eu me lembro que a gente foi, era um frio, era julho lá em Porto Alegre e a gente foi à censura. Aí a gente passou pra censura e o cara, a mulher, não me lembro quem era falou que não sabia se podia liberar, que tinha que chamar mais uma turma lá pra ver. Porque assim, a gente também como tipo Caetano, a gente não era uma linguagem de contestação objetiva. Não era uma peça de Sófocles proibida, Nelson Rodrigues. Era uma coisa nossa, nossas idéias e que também não eram contra ninguém, então nego não sabia como censurar. Nós não reclamávamos de ninguém, do presidente da república, nem do capitalista. A gente colocava perplexamente a nossa situação.

Aí, pô, eu sei que no segundo ato, na primeira cena era a gente indo acampar. O primeiro ato acabava a gente caindo no metrô, trabalho, agitação, estresse, e um amigo nosso caía no metrô e morria e a gente ficava chocado e acabava o primeiro ato. Aí no segundo ato era a gente acampando e filosofando, era da época. A praia, uma barraca, e uma barraca invisível que todo mundo entrava na barraca. Aí o Evandro saía com a Casé e meio reconstituía o mundo, o paraíso. Falava: “Se eu fosse...” aí começava a plantar “Gostaria de plantar. Se eu fosse uma vaca...” aí começava a povoar tudo de novo como se estivesse começando de novo a vida. Era um pouco isso. Aí eles entravam na barraca de novo, que não era barraca, e aí tocava o objeto Não Identificado, do Caetano e a gente estava tudo pelado. Suspendia que a luz, chegava e estava todo mundo pelado, que a gente tinha tirado a roupa e ficava aquela imagem de todo mundo meio recomeçando o paraíso e pelado, do nada. Era isso que se queria dizer. O cara viu esse negócio, não sabia se podia ou não podia a gente pelado. Ficou inseguro. De repente alguém passou e veio alguém “Porra, tu deixou essa porra passar...” o cara ficou inseguro. Amanhã de novo. Aí de manhã

A peça tem um contexto. E o cara olhando pra ver se podia, se não podia... Que coisa mais maluca do mundo. Aí o cara também: “Não, não podia” mais um dia. Aí tivemos que fazer isso de novo no terceiro dia, que foi lá a chefia geral, que deixou a gente ficar. Falou: “Tira então a roupa” aí tiramos a roupa. Uma peça, um negócio num conceito enorme de duas horas e pouco, cheia de novidades, cheia de atrações incríveis. Não, nada disso, só a roupa. Bem, aí ficamos lá em Porto Alegre, deu esse sucesso todo, a gente tinha a obrigação de fazer em duas cidades mais e fomos para Santa Maria que chamava Santa Maria da Boca do Monte. E aí lá conseguiram fazer uma peça no Sete de Setembro, na universidade. No DCE da universidade é que o Conde entrou em contato lá e os caras deram um dinheiro pra nós e tal, iam fazer a divulgação. Chegamos lá em Santa Maria, a gente ia de Kombi. A gente tinha a Kombi, a gente tinha comprado uma Kombi. Aí a gente foi pra lá na Kombi, cheia de material, de manhã, dormimos lá. No outro dia de manhã, pô, acordamos cedão, a gente tinha que montar ainda. Nós fomos pra ver a luz, aí não tinha energia, fomos tirar do poste, a gente mesmo. Um poste, o Ivanildo que era electricista. A gente fazia divulgação, foi na faculdade correndo dar papelzinho, foi na rádio. Sei que meio dia a gente já tinha passado por aquele lugar ali umas quinze vezes correndo. A gente não observava os caras, mas os caras observavam a gente, que a gente era muito diferente, cabeludão, entende? Muito diferente ali. De repente estávamos almoçando no melhor restaurante da cidade, mas falando entre nós assim, muito rápido com aquela coisa quieta. A gente saía depois que acabava o teatro, saíam uns duzentos com a gente, porque a galera se identificava mesmo e filosoficamente queriam conversar mais. Iam comer com a gente, aí dava bagulho pra quem queria bagulho.

Então quando eu estava no hotel, nessa vez, eu estava com a Patrícia no mesmo quarto. Naquele dia quando a gente voltou pra tomar banho pra ir pro teatro pra poder ensaiar, era assim duas horas da tarde, três horas da tarde, eu entrei e de repente chegou a polícia. A polícia chegou e deu uma geral no quarto. Só estava eu no meu quarto, também acho que eles foram em outros quartos. Aí eu tinha um macacãozinho. Sabe aqueles macacãozinhos jeans que tem um bolsinho aqui? Aí o cara meteu a mão nesse bolsinho e tirou uma bagana. Eu não sei até hoje se eu tinha a bagana. Eu nem lembrava de fumar, eu não fumava. A parada era tão encantada que a gente fazia que fumar ou não fumar não tinha muita importância, não era um negócio. Se tivesse um bagulho eu fumava, mas não era “Aí, não tem bagulho?”. Pro Evandro já não era tanto assim, tem uma turma que era mais ligada nisso. Eu era ligado no trabalho, na parada de como é que vai dar certo. Tem que ir gente, tem que dar dinheiro, tem que pagar as contas. Esse era o meu negócio. Isso era pra mim muito mais encantado do que fumar um ou não fumar outro.

Aí os caras, pá. Aí foram revistar mais. Acharam na bolsa da Patrícia uma mutuca que ela tinha guardado ali porque alguém tinha dado pra ela, ela nem tinha reparado. Botou, guardou ali. Aí o cara “O que é isso?” eu também não vou entregar a Patrícia. Aí chegou a Patrícia essa hora, fomos em cana. O Evandro conseguiu jogar fora o que tinha, não ficou. Então ficamos o Conde, eu e Patrícia. Eu não me lembro quem era a outra, não sei se foi a Elaine, a mulher do Conde. Aí fomos para a polícia federal e ficamos lá. Botaram a gente preso numa sala assim, menor do que essa e

trancavam por fora. A gente ficava lá. Não tinha banheiro, a Patrícia fazia xixi no saco plástico de noite, guardava, não pudemos fazer a peça. Aí já era acusação da gente que a gente estava lá por causa do Sete e Setembro, o DCE era da esquerda, então a gente veio pra comemorar com a esquerda, o DCE. A gente não tinha nota fiscal dos refletores. Vou andar com a nota fiscal dos refletores? O refletor tá aí, é da gente, vou andar com a nota? Aí nego, “É contrabando...” aí começou. O tio da Regina era general de lá. Aí chegou o general, que nem o outro general lá, cheio de general. Ele era o herói da cidade, que desfilava. Que lá é o segundo que tem mais poderoso por causa da fronteira. Então ele já não ia mais desfilando revoltado com o que estavam fazendo com a gente, não ia mais desfilando. E nós ali presos. Um ia lá, pô, fala assim “Porra, sabe o que é? Vocês desculpem...”. Daqui a pouco o jornal do Brasil com a maior matéria; daqui a pouco esses amigos do Orlando lá de Porto Alegre tudo assembléia com a gente, exigindo que soltem e não sei o que o caramba. Aí advogados lá do Jornal do Brasil, pá... Aí os caras começaram a ver que a gente ra tudo cabeludo, carregando coisa nas costas, que a gente era o maior grupo, o mais famoso, mais sofisticado grupo de teatro do Brasil, porque era a gente que fazia tudo. Carregava nas costas, dava papelzinho, de noite estava se apresentando normal e isso chocou um pouco aquela cidade que não tinha aquela velocidade. A gente tinha que montar tudo no mesmo dia, ensaiar tudo no mesmo dia, divulgar tudo no mesmo dia e se apresentar no mesmo dia. Então era todo mundo que nem louco correndo... E aí aquele bagulho. Tinha feriado Sete de Setembro, então não funcionava o fórum, então também não podíamos ser ouvidos, aí ficamos lá.

Bom, então é o seguinte, a gente não vai ficar preso aqui, cara. Esse jardim aí, que vocês têm aí, todo sujo, nós vamos limpar. Vamos limpar o jardim todo. A pior coisa que tem é ficar preso num lugar. Aí arrumamos o jardim todo, cara. Os caras: “Quem são esses caras?”. Falei “E tem mais. A gente vai arrumar depois a sala de vocês que está toda estragada”. Polícia federal eles já... Eu não tô nem aí cara. Aí a gente já com o Jornal do Brasil e todas as imprensas, assembléia de Porto Alegre já reunida, por que fizeram isso com a gente? O que tá havendo? E não sei o que. Aí fomos ouvidos pelo juiz, aceleraram lá. E aí o juiz perguntando: “Olha, eu vou falar um negócio pra vocês, eu gostaria de ser que nem aqueles velhinhos lá do oriente que foram julgar ópio e não sabiam o que era o ópio, experimentou primeiro pra poder dar a sua opinião”. Fino o juiz? “Eu ainda não experimentei porque a lei não permite, entendem? Então o que importa aqui é a lei. Então eu queria que vocês me respondessem em função, quer dizer, não é permitido, então vocês têm que responder para eu poder resolver. Vocês, alguma vez vocês...” A Patrícia “Na praia...” falei “Patrícia. O cara dizendo não, fala não que eu libero vocês. Ainda vai ficar se explicando”. “Não, é que nós nunca usamos. Isso aí é tudo maluquice. A gente não tem nada, tal” e aí fomos liberados. Liberado assim, depois tivemos que voltar lá duas vezes, era longe, gastamos a maior grana. Aí saímos de lá já vendidos. Toda essa nossa animação que a gente ia fazendo Santa Catarina a Florianópolis, Curitiba... Aí já fizemos com medo. Todo mundo. Eu também. Porque assim, todo aquele negócio de a gente chegar numa cidade e começar a dar papelzinho e a galera via a gente com uma cara, ficava todo mundo querendo conversar, querendo ficar amigo, na universidade, ficar mesmo porque a gente era muito chocante. Hoje todo mundo é assim, mas na época também não era assim. E aí algumas pessoas que tinham referência da gente, que viram, chamavam logo uma galerinha.

Então sempre tinha, vinha no Rio, vinha em São Paulo. Sempre a gente já tinha uns cem amigos. Quem é esse cara? Aquele bagulho que me deram, será que não era da polícia? A gente começou a desconfiar de todo mundo, começou a ficar com a maior paranóia braba e a excursão na volta já foi uma porcaria, a gente já não tinha mais prazer, loucos pra chegar em casa. Então teve essa interferência forte na gente nessa época. Brasília também. A gente foi em Brasília, acho que até foi antes em Brasília. Em Brasília também foi muito engraçado porque a gente ficou no mesmo hotel do Estado Maior. Tinha um negócio do Estado Maior das forças armadas e os caras tinham cheios de medalhas, sabe aquelas coisas? E a gente começou a botar um monte de chapinha de cerveja também e entrava no hotel. Na época era antes, foi antes de Porto Alegre, porque senão a gente não faria isso. Todos entrávamos. Aqueles monte de chapinhas, botar cortiça por dentro pra ficar aquelas coisas todas. Nessa parada do Asdrúbal era realmente um frescor absurdo que houve pro teatro brasileiro, que não é considerado por que a gente era como se a gente fosse contrabando, sabe? A gente entrou numa hora que vinha uma estrutura teatral, que tinha uma história. Veio disso aqui pro TBC, do TBC veio pra isso aqui, depois veio pra oficinas. Aí veio uma gente que não pertencia a nada, que não era daqui. A gente era meio rock and roll. Tanto que o pessoal não chamava a gente de teatro: “Adorei o show de vocês”. Depois da gente, o que mais se identificou com a gente, foi realmente a música, que aí começou a ter shows pra jovem do tamanho que a gente levava. Porque a gente levava duas mil pessoas no teatro, cara, isso não tinha. O teatro não levava isso. O teatro era pequeno, lugar sentado e pequeno. O maior teatro que tinha era o Tereza Rachel que tinha uns seiscentos lugares, que até os espetáculos musicais era esse o tamanho. O Canecão era o que era além, que cabia umas mil e quinhentas pessoas e a música chegou ao Canecão, mas também não era considerado um negócio muito nobre, que era meio cervejaria e tal. A gente deu uma porrada nisso. Tanto na forma como na juventude dentro do teatro e nesse jeito também nosso de criar, de criação coletiva e o grupo que deu certo. Porque assim, antes do Asdrúbal eu tinha experimentado trinta grupos. Todo mundo tinha experimentado vários grupos até encontrar essa configuração que explodiu no Brasil. Depois a gente fez o “Trate-me Leão”, que também aí demorou dois anos. Não foi mais nove meses. Por que demorou dois anos? Cada estilo se fortaleceu muito, entende?

P1 – Mas qual que demorou dois anos? O Trate-me?

R – Não. “Aquele Coisa Toda”. A próxima, porque assim, a criação coletiva do Trate-me, que pra nós já foi muito, era nove meses, o tempo de gerar uma criança. Então se manifestou o jeito de cada um se expressar. Depois cada um queria evoluir no seu jeito e todo mundo estava muito poderoso. No “Trate-me” era todo mundo meio humilde achando uma linguagem. No outro já tinha e cada um já tinha a sua opinião. Então até somar a minha opinião com a tua, com a dela, com a dele, demorava. Demorava porque cada um achava que estava certo daquele jeito, entende? Então ficou um espetáculo de quatro horas.

Aí o Trate-me foi esse esforço todo. Então já, todo mundo já era muito poderoso, porque fez muito sucesso e essa coisa é complicada em artista. Cada vez mais eu vejo e cada vez mais hoje em dia eu me livro disso, graças a Deus. Procuo ficar o mais simples possível, às vezes eu sou entendido, fica achando até que eu não tenho interesse, mas é porque eu não gosto de disputar.

Bem, então fomos estreiar o “Trate-me Leão” aquela coisa toda e também não foi o esperado, porque assim, tudo tem uma fórmula, e a gente quando foi no próximo já não era mais nada parecido com o “Trate-me Leão”. Incorporou aquilo, mas já era outra coisa. Nego achava que a gente ia fazer uma coisa parecida aqui. Nego acostumou com aquilo. Aí de repente vem uma obra em progresso diferente. E aí acharam legal. E a gente viajou o Brasil inteiro, fez e tal, mas não era aquele frescor, aquele sucesso do Trate-me. Difícil, muito difícil porque aquilo ali foi um romper. Do “Aquele Coisa Toda”, nós fomos fazer um novo espetáculo. Aí já botamos José Lavigne, que hoje é diretor do Casseta... Há muito tempo que é o diretor. Aí a gente já estava surgindo “Manhas e Manias” de Andréa Beltrão, Débora Bloch... Surgindo tudo na nossa cola. Começou a virem todos uns grupos que vinham da gente. E aí a gente foi montar um novo espetáculo. Meus filhos tinham nascido já no Trate-me. Eu já tinha a Maria, já tinha nascido... E eu vivia daquilo, não podia perder dois anos ensaiando sem ganhar dinheiro. Essa perspectiva de novo não era

possível. Não dava mais.

P1 – Os dois anos que vocês ficaram ensaiando, por exemplo, “Aquela Coisa Toda” você ficou vivendo do que?

R – O Trate-me, a gente ia com o Trate-me, eu ganhava um dinheirinho e voltava pra fazer Aquela Coisa Toda. E aí quando Aquela Coisa Toda estreou, logo fomos montar de novo outro. Como é que a gente vai montar outra coisa? Aí não conseguia montar. Aí eu vi que ia durar quatro anos e aí também não tinha patrocínio. Naquela época a gente não tinha um projeto pra apresentar pra Lei Rouanet, não existia isso. Era lá mesmo. Aí vivia da bilheteria. A bilheteria dava. Que eu acho que é maravilhoso isso. Esse negócio de hoje em dia de patrocínio é ridículo. Porque nego, se não for ninguém também tá ótimo. O cara vai logo, quer acabar logo a temporada pra ele poder arranjar mais dinheiro pra montar outra. Aí bota lá, cinqüenta mil pro diretor, setenta mil pro cenógrafo, trinta mil pra cada um. E aí aprova, tem prestígio, consegue. Se for público, foi, se não foi não tem problema, vamos fazer outra, entendeu? Você não incentiva público. Você não tem público. Porra, fica na mão do patrocinador, não fica na tua. A gente não, a gente tinha público, cara. Enchia o teatro. Vinha de nós mesmos. Se vier um patrocínio ótimo, mas não tinha nada, ninguém patrocinava nada. Só tinha esse negócio de excursão que aí, o INACEN. Então, a gente voltou e o Hamilton propôs o seguinte: “Vamos parar e vamos fazer um curso?”. Cada um desenvolve a sua capacidade.

Aliás, já tinha tido um curso pra mim. Acho que na época de “Aquela Coisa Toda” eu tinha um curso na UFRJ. Isso é fundamental. Então antes disso eu acho que eu já era naquela coisa toda que apareceu uma vaga pra dar aula. Pra quem quisesse dar um curso na UFRJ. E aí me indicaram, eu também me propus porque eu tinha filho e precisava de dinheiro. E aí fui pra UFRJ e foi sensacional, cara, porque aí a galera de lá falou o seguinte, fazer um espetáculo. Aí me trouxeram um monte de texto falei: “Não cara, não faz isso não. Vamos inventar uma peça. Vamos nós mesmos fazer. O que eu sei fazer é isso. Eu não sei dar curso. Sócrates... Ficar falando isso. Pode até se for montar um espetáculo, a gente citar esses caras e estudar esses caras, mas em função de montar alguma coisa, não ficar falando disso. Tchekov... Porra, eu não sei. Isso aí eu não sei fazer. Eu sei botar no palco e aí quem a gente precisar pesquisar pra poder aquilo ficar melhor, e a gente vai atrás. Aí aprende todo mundo muito mais fácil do que ficar teorizando”.

Começamos, o pessoal ficou meio assim, tal, falei: “Então vamos fazer o seguinte” era época da ditadura, se a universidade fosse nossa, como é que a gente ia fazer? Ao invés de a gente ficar reclamando a universidade, vamos criar uma e dizer: “Diretor, reitor, a gente acha isso, cara. A gente não é contra vocês não. É porque do jeito que vocês estão fazendo não atende a gente cara. Atenderia se fosse assim. Como é que a gente...”. A gente gasta o nosso tempo nisso ao invés de gastar reclamando. Reclamar todo mundo reclama, cara, e ninguém aprende nada reclamando. Aí saquei isso, sabe? Aí saquei, comecei a fazer umas improvisações com a galera e saquei o seguinte: pra eu poder chegar a uma cara nova eu tinha que estudar os índios e os negros, senão eu não chegava. Chegava só numa racionalidade branca que conta a história do Brasil, mas de um ponto de vista, desse aqui. Ela bota alguns, cita alguns personagens, mas parece que a gente não é eles. Parece que a gente é o branco falando de uns caras que chegaram aqui, que estavam aqui, os índios. Só que são os caras que estavam aqui, que conhecem as plantas, conhece a geografia, conhece o clima, conhece a medicina, tudo, esses são os caras. Tem um jeito que está no nosso corpo, no nosso sangue e a gente não sabe porque aqui é o relato, quer dizer, é o que tá escrito, o que está contado. O ponto de vista deles não está contado. Então não está contado, a gente deve procurar dentro da gente. A única maneira de a gente achar eles é dentro da gente, porque eles também são experiência de vida, não são experiência escrita nem decorada. Então a gente deve ter dentro da gente, o branco e o negro. Vamos procurar na gente. Maluquice! Entrei nessa. E também nessa época a minha filha nasceu... Exatamente, era oitenta e... Tinha nascido e eu tinha parado de fumar e comecei a meditar de uma hora pra outra lá na minha casa, que eu morava no Catete, numa coberturinha, tinha um jardim, acordava cedo e de repente parava tudo. Aí eu ficava escrevendo o que eu ia fazer todo dia. Treinava lá as coisas, depois vinha pra casa anotar e via tudo que tinha que continuar. Parece que o negócio ficou encantado. E eu trabalhava embaixo da igreja. Em cima tinha uma capela e tinha um porão. Lugar super legal. E era incrível porque, a parada de vocês é direito, então vamos improvisar a lei e tudo bem. Vai decorar a lei que é. O que tu achas que é justiça? Então vamos pegar nos índios como é que era justiça? Aconteceu um fato, então a gente improvisa e cada um vai... medita aqui. A gente fica aqui e vai lá dentro da gente entender como é que era esse fato, ou uma morte, ou um roubo, uma traição. Vamos representar isso e vamos julgar isso ou colocar isso do ponto de vista desses caras. Vamos viajar no tempo.

Cara, era uma loucura assim de encontro mesmo. Começamos pelos índios, tem que começar pelos índios porque os índios estavam antes de vir os brancos. Depois a gente bota os brancos, mas primeiro vamos ver quem é a gente. Eu estava completamente encantado e aí a gente vai no reitor: “Não, mas nós queremos fazer um refeitório aqui, um bandejão”. “A gente vai à casa do reitor...”. “Mas o reitor não vai atender” porque era tudo ditadura. Falei: “Mas a gente acha o filho do reitor... Espera aí, a gente acha a filha do reitor. A gente encontra, se a gente quiser a gente encontra uma maneira e a gente vai fazer um negócio tão não contra ninguém, a favor de nós, cara, que pô, vai ser impossível o cara falar mal da gente ou prender a gente. Essa contribuição a gente pode dar. A gente tá puxando pela gente mesmo ao invés de estar reclamando que não tenho comida” E aí? Tu vais ficar reclamando e alguém vai te dar comida? Porque ninguém dá nada pra ninguém, tem que fazer o negócio. E aí de repente tô vendo os caras que são tudo machões, educação física, de mão dadas um com outro porque era índio. Começou a pintar um outro... uma amizade, e aí um som meio brincando de índio, dando nome pra índio: “Como é que são os nomes”. Pra mim a minha vida encantou de eu estar nesse caminho. Aí o cara do departamento cultural: que não podia mais ensaiar debaixo da igreja, porque parece que tem gente que está ficando nua lá...”. Tinha vontade de matar uma pessoa, eu tinha vontade de matar esse cara. Lógico que eu não ia matar, mas assim, me veio essa vontade. Porque aí a gente todo dia ia pra lá para ver aonde é que eu podia ensaiar. Aí gastava quase quarenta minutos pra poder achar uma sala. Esses caras de alguma maneira acharam que eu estava fazendo alguma coisa de sacanagem, ou inventaram. Uma dificuldade. Eu falei: “Caraca, como é que eu vou fazer esse negócio rapaz?”.

O final do ano apresentei um negócio lá que não era o que eu queria, porque também não ficou pronto porque aí nego começou também a ter as provas. O cara vai pra aula da prova, não vai ficar na minha aula. O negócio foi atrasando por causa disso aí não aconteceu grande coisa porque eu não pude mostrar qual era a nossa proposta de educação. Então o pessoal que trabalha lá com agronomia, como é que a gente pode alimentar a produzir coisa pra vender para o bandejão nosso daqui, entende? Coisas assim que completava, se juntava coisas. Quem está aprendendo, quem está fazendo, como é que... Esse menino que faz engenharia, porque que não pode fazer as favelas, o estágio dele ser lá, entende? Esse tipo de coisa que a gente podia contribuir dizendo: “Olha aqui ó. Não é tão complicado, nós estamos aqui dispostos. Somos nós”. Ao invés de ficar reclamando e longe do poder. Mostra pro poder: “Poder, vem cá. Olha aqui”. Porra, é ruim isso? Bem, aí acabou.

Além de estar recomendo o negócio do Asdrúbal, eu fui no Orlando: “Orlando me arranja um negócio aí, um trabalho aí que eu preciso...”. Aí ele me botou na escola de circo. Que é a coisa mais incrível. Quando eu era camelô, eu não contei essas histórias, mas levavam muitas coisas da gente. A gente esta fazendo aí vinha o “o rapa” e levava. A gente ficava sem nada e tinha que fazer tudo de novo. Sofri muito. Eu e minha mãe

íamos lá pra tentar recuperar. Eu me lembro que uma vez eu fui e o cara, tinha uma fama de que o cara não levava mulher nem criança e aí ele levou num dia que estava eu sozinho e ele levou. Aí eu fui pra lá, pra pedir com a minha mãe. O cara começou a dizer que não. Eu comecei a chorar, cara, eu fiquei indignado. Dizendo que eu estava mentindo, que tinha um cara lá comigo. O Orlando falou: “Vai lá na Praça da Bandeira e vê aquele terreno que de repente tem algum lugar pra você do Asdrúbal lá, pro Asdrúbal fazer um espaço pra vocês”. Aí me botou num carro, um carrão que ele tinha desse tempo, preto, de governo, mas aqueles bacanas assim. Fui eu com o motorista. Chegando lá sabe quem era o cara? Que ele botava gasolina? Eram os caras do rapa.

P1 – Que loucura.

R – Voltei lá. Eu era pequeno, não falei nada com ele, claro, mas ele botando gasolina porque ele estava no lugar de botar gasolina. Aí eu voltei aqui pra eles me mostrarem o local pra eu ver se tinha algum espaço que eu podia fazer. Agora o cara... Que legal. Fiquei quietinho. O cara é humilde, quase que eu dei um presente pra ele, alguma coisa. Ele estava tão baixo astral, coitadinho do homem Então fui pra lá. Aí o Orlando: “Fica lá, cara. Nós vamos fazer uma escola de...”. Aí depois, é isso! Tinha uma escola de circo que já estava começando a ter idéia de fazer e que estava parada e ele falou: “Vai pra lá porque aí de repente tu animas aquilo lá que nem o Cacilda.” Enquanto o Asdrúbal estava vai não vai. Eu fui pra lá rapaz. O cara que estava lá chamava Luiz, que era de circo, uma fera. Mas aí estava lá, jogando carta com o pessoal, porque não tinha verba. Falei: “Cara, eu não trabalho assim não, cara. Vamos limpar aquele negócio ali. Vamos limpar aquelas pedras, trazer aquelas pedras pra cá” que aí já fica eu, o Orlando vai olhar “Cara, os caras já estão fazendo...” anima ele pra pegar dinheiro. “Eu não, não. Isso não. Não vai fazer isso aqui não porque tem que ficar claro que não tem verba”. No dia seguinte eu tive que ficar lá sem fazer nada, pra ganhar um dinheiro. Eu fui embora. Não há dinheiro que pague eu ficar parado. Aí depois de uns dois meses o Orlando me chamou: “Porra, você foi embora” falei: “Orlando, não é pra mim não, cara. Tinha que ficar lá parado. Eu não...”. Aí rolou esse negócio, o Asdrúbal se reuniu e falou: “Vamos fazer o seguinte? A gente não está conseguindo ensaiar direito. Cada um faz um curso. A gente abre um curso, cada um de nós pega uma turma, aí tudo que a gente tiver que experimentar de idéias, de formas, a gente experimenta com esse grupo. Já experimentou, depois a gente se encontra e fica tudo mais aliviado porque todo mundo já esprou uma porção de coisas”. “Ah, legal”.

Aí abrimos um curso no Parque Lage. Inscreveram-se 500 pessoas, gente pra caramba. A gente achou que iam umas 100 pessoas. Cara, gente, aí teve que selecionar. Abrimos cinco turmas. Uma comigo, uma com o H-Hamilton, uma com o Evandro e a Patrícia e outra com Regina e Luiz Fernando. A minha turma, eles pagavam em dinheiro e eu vendia queijo. O Orlando tinha uma fazenda que fazia queijo e me dava os queijos e eu vendia os queijos pra completar o dinheiro que eu precisava. Então eu dava esse curso e vendia queijo. Os alunos já levavam queijo pra casa, porque eu incentivava pra nego comprar. Aí começou. Falei assim: “Olha, eu também não sei dar aula. Eu queria montar um negócio. Vamos montar um negócio em um mês?”. Montamos um espetáculo..A gente apresentou já um resultado.

Aí, cara, quem que apareceu? Era Cazuzza, garotinho... doidaço, cara. Eu tinha que ir de noite, quando acabava o curso, eu tinha que ir com ele, com a Alice Andrade, que acabou a gente namorando, eu ia com ela pra tomar conta dele porque ele ia preso, ele quebrava tudo, entende? Aí era a Bebel que também era parecida, só era mulher, era mais fraquinha, Bebel Gilberto, a Kátia Bronstein, assim, as pessoas que ficaram mais faladas. Tinha mais uma turma. Na verdade dessa turma, que eram mais ou menos uns 25, uns 23 viraram artistas, continuaram, dali foram.. E era incrível porque eu dava uma improvisação pro Cazuzza e assim, dividia em cinco grupos, cinco de cinco. Então a parada nossa era assim, o tema é tênis... chuteira. Está aqui essa chuteira. Vocês têm um minuto pra apresentar uma cena de chuteira. Um minuto.. Agora é meia. Aí um minuto. “Tá pronto?” “Não, ainda não tá pronto”. Tem que se aprontar rápido. Aí também é exercício. Em um minuto você não constrói nada, mas em um minuto se você concordar com o outro rápido ao invés de você falar: “Ah, chuteira? Vamos fazer então um negócio com Pelé, com a chuteira do Pelé...” aí o outro “Ah, Pelé não. Pelé é feio.” Aí já começa... O lance pra chegar ao um minuto é concordar: “Ah, vamos fazer do Pelé?” “Ah, o Pelé e o Coutinho. Pô, o Pelé e Coutinho com aquela dupla a gente bota duas chuteiras...” começar a somar, senão todo mundo chega. Então o exercício não é nem ter um produto no final, é ter uma concordância rápida. Pra poder chegar a um acordo, se você não for a favor... Porque assim, se você me nega, eu já te nego a seguir. Aí começa a ter uma disputa. Então trabalhava muito com essa velocidade de somar. Olha o pente, cabelo, o cabelo, peruca, a peruca, barba, barba... Vai somando com isso e depois ninguém sabe quem começou e quem terminou, só tem uma unidade, porque senão a gente não chega. Aí o Cazuzza, cara, e a Bebel eu dava uma idéia pra eles: “Porra, já tá pronto. Tá pronto”. Falei: “Porra, espera aí, falta mais um pouco, cara...” “Não...”. “Então volta e faz a música”. Vinha música já em três vozes, cara. Era um negócio, eu falei: “Caramba, eu tô com um negócio aqui absurdo”. A Bebel já fazendo improvisação. Ela expulsa a mãe de casa, entende? Não é o filho que ela expulsa de casa. Era a mãe. A mãe era mais doida do que ela, a Miúcha, casada com João Gilberto. Então eu peguei os filhos de artista que já vinham numa outra, quer dizer já eram filhos de doidão, entende? Tudo se expressando. A Bebel chegava doidona em casa. Doidaça assim às quatro da manhã, estava sem a chave, aí deitava na entrada. Aí chegava a mãe. Chegava seis horas: “Oi minha filha...” ficavam as duas, entendeu? Na improvisação o Cazuzza fazia uma deputada, já tinha sido presa em vários países. A cadeia da Suíça. Começava a contar como é que era a cadeia da Suíça. A cadeia da Suíça, já fui presa na Polônia... Porra, era engraçado pra caramba: “Já dei o rabo. Já dei o rabo na Austrália, na cadeia da Austrália. Já dei o rabo...” aí começou a dizer aonde já deu o rabo, cara. Mas assim um negócio completamente... Falei: “Caramba, esse pessoal...”. Quando a gente estreou um espetáculo lá no Parque Lage, o Asdrúbal foi apresentar, o meu era um espetáculo e aí já tinha guitarra, já foi o Evandro, aquele outro colega do Evandro que fazia o... Barreto tocando. Porque um dia a gente estava cantando, alguém começou e todo mundo começou a seguir, ficamos uma hora e meia tocando o, cantando isso pelo Parque Lage, inventando coisas. Aí que música é essa? A gente descobriu que era a Nona Sinfonia que a gente não lembrava. Aí virou o tema e era com guitarra, que a gente cantava numa sinfonia, sabe? Era um negócio completamente despirocado, meio disperso, não tinha uma historinha, mas era um monte de coisas interessantes. Eu fiquei louco, falei: “Não vou voltar pro Asdrúbal. Estou com essa coisa, maior frescor, a galera com maior... Eu com a maior luz”. Aí falei: “Vou fazer mais um mês de curso” falei: “Olha, eu vou fazer o seguinte, vocês me pagam porque eu preciso desse dinheiro pra pagar as minhas contas, e depois a gente estréia, vende os ingressos e o dinheiro volta pra vocês”. Sustentabilidade ali no ato. O que aconteceu? Fomos pro Cacilda Becker.

Ao invés de ser no Parque Lage já foi nesse teatro que eu tinha feito. Quer dizer, pedi uma pauta lá e aí foi um negócio incrível. O Paulinho, que até morreu, que era namorado da Bebel, o pai dele tinha um negócio de tecelagem grande, uma empresa grande de fazer camisa, fazer malhas. E aí eles no pai já arrumaram as camisetas. O ingresso era a camiseta. Então o ingresso é todo mundo que ia pro teatro estava vestido da gente. Então parecia torcida de maracanã, não pareciam aquelas coisas de teatro. E todo mundo vestido com a roupa, era todo mundo amigo, cara, porque aí cada um vendeu os ingressos antes. Então quando estreou a peça a gente já tinha um dinheiro. Já estava todo mundo repartindo de volta pra todo mundo, maior sucesso. Aí não consegui me livrar mais da galera. Aí o Asdrúbal quis voltar, já não deu mais pra ensaiar. Aí foram

ensaiar, eu acho que foram pra São Paulo. Aí quiseram que eu fosse num espetáculo que eles tinham em Pernambuco. Chamaram eles. Eu fui falar com o cara, o produtor. Não senti firmeza, falei: “Olha esse cara não tem dinheiro”. Pergunto pra ele: “Não, cara, fala se você tem dinheiro porque se você não tiver, eu te ajudo porque a gente não pode ficar é inseguro das coisas pra pagar. Você fala, eu te ajudo”. “Não, tenho tal...”. Aí o pessoal do Asdrúbal, o HHamilton então, que estava precisando, resolveram ir. Levaram o maior cano lá. Eu não fui. Alguém me substituiu, não sei quem. Levaram o maior cano. A Patrícia: “Vou reclamar, não sei o que” falei: “Patrícia, eu falei com o cara antes, não senti firmeza, por isso...”. Eu tinha outras razões de não ir. Bem, então me veio a idéia, já que a gente tinha um espetáculo, de ter um espaço. Falei: “Porra, a gente tem que ter um lugar pra apresentar”. Na época só se apresentavam os grupos novos assim à meia-noite, na segunda-feira.

Aí veio essa idéia, o Circo Voador. A gente fazia algumas improvisações sobre circos que voavam. Aí era de novo o nome “Corpo Cênico Nossa Senhora dos Navegantes”, que era daquele mesmo primeiro grupo lá da igreja. Eu propus esse nome...Abriram os nomes pra nego pensar. Aí quando eu cheguei com esse, o Cazuzza pirou: “O que é isso? Corpo Cênico Nossa Senhora...”. Depois eu vi que Nossa Senhora dos Navegantes é Iemanjá, só que lá no sul é Navegantes. Em Portugal. E aí é Iemanjá. E a gente foi parar ali pra aquela bocada da praia ali no Arpoador. Então, bem, aí eu propus esse nome. “Ah que ótimo esse nome...”. Ficou esse nome. O nome do espetáculo chamava “Pára-quadras do coração”, porque tinha um menino lá também que improvisava sobre um negócio de sutã, ele tinha uma fábrica de sutã, era um pára-quadras, um peito... Começou com isso e esse nome. Aí a gente começou a ver que precisava de um local pra apresentar o nosso espetáculo, que a gente não tinha um local físico interessante pra apresentar. Onde que a gente vai apresentar? Aí esse negócio de circo, isso aí falei: “Pô, circo?”

Caramba...”. A gente vai comprar um lugar? Não tem dinheiro. Comprar um terreno pra construir um teatro? Mas se a gente pedir um espaço público a gente pode botar uma lona. Alugar uma lona não é tão complicado e o espaço público vai ceder de graça. Então saquei. Outra coisa, que eu fiz uma conta, nós éramos, quando a gente juntou, 36 grupos. Teatro, circo, dança, capoeira, educação, música, coral... Cada grupo devia ter umas 15, 20 pessoas. Então pô, 36 grupos com 20 pessoas, 720 pessoas que estão envolvidas no projeto. 700, 600 pra fazer uma média. Se cada um conhece dez e vende dez ingressos, 6.000. Eu raciocinei antes de envolver tanta gente. Cara, eu descobri que esse amontoado tem um poder. Propus ao Asdrúbal: “Asdrúbal, a gente podia fazer um circo O Asdrúbal...” aí o HHamilton “Não. Nós não somos donos de espaço. A gente é de teatro, a gente é de fazer espetáculo. Não interessa...” então, tá.

Então vamos fazer o seguinte, eu vou fazer, eu produzo tudo. Chamei os grupos, falei: “Olha, eu estou acostumado com grupo que combina de ir à prefeitura, aí amanhã você vai à prefeitura, quem que vai em tal lugar? Vai. E não vai. Aí daqui a dez dias já vem menos gente porque não foram, ficaram com vergonha de não ir. Eu não quero nada de ninguém. Eu quero que todo mundo prepare o seu espetáculo. Eu vou à luta da burocracia, do dinheiro, de tudo. Tudo que é chato eu vou e vocês não precisam fazer nada de chato. Só fazer o espetáculo e ter o espetáculo pronto pra gente poder fazer. Legal?”. Porque aí eu sei das minhas dificuldades. Não vou ficar esperando o cara que desiste, e aí porque o cara desistiu não estou fazendo nenhum negócio. Faz o teu. Isso aí passou a ser o meu. Legal.

Aí eu falei com o Márcio, Márcio Calvão lá no futebol. Eu fui lá no futebol. Ele é engenheiro “Vamos fazer, claro. Que legal. Boa idéia. Vamos fazer e tal...”. Falei com o Orlando. O Orlando falou assim: “Faz sim, que se a polícia vier e te prender eu vou lá e te tiro. Você é maluco pra caramba, mas eu não vou cortar, eu acho que tem que ir. Te apoio aqui, te dou força”. Legal. “Tem um cara que fez um cenário com tubo, com andaime, você devia dar uma olhada”. Era o Maurício Sette. Aí eu fui na casa do Maurício, dei a idéia. Ele estava vindo, tinha ganhado um prêmio, tinha ido pra França, um prêmio “Mulher” que ele tinha ganhado. Eu fui lá com uns garotos, com o Paulinho, com Alice... Alice foi fundamental. Alice Andrade. Aí de repente a gente ficou namorando, era bem novinha e ela me incentivou muito também. Ela era filha do Joaquim Pedro, do Rodrigo de Melo Franco, Patrimônio, do Ouro Preto. Trabalhou com Capanema, já era um senhor histórico dentro dessa parada, e o Joaquim me recebeu na casa dele, era lá que a gente inventava as coisas, tinha as idéias e o caramba. E a Alice tchã, comprando geral.

Aí fomos no Maurício, o Maurício pirou, já fez um desenho, já fomos na lá na praça, que era na Praça da Paz, que a gente queria. E aí ele já foi lá, já mediu, já tínhamos um papel. Eu ia nos lugares de governo e ninguém tinha coragem, que nem o pelado que a gente tinha que ficar. O cara ficava com medo daquele cabeludão maluco fazer um negócio desse e dar tudo errado e foi ele que deixou. Ficavam com medo. Lembro-me que o secretário de cultura João Rui, que me deu um papel, uma carta pra eu levar. O Mário de Sofia, que era o cara do “Parques e Jardins”, que era dono de alguns terrenos que podia ir, falou assim: “Você não repara nele não, mas ele é legal. Não repara nele não”. O cara já me derrubou. Já achou ainda o que é mais esquisito. Porra, na carta já me apresenta: “Não repara nele não” porra. Apresentando-me pro outro cara dizendo pro cara não olhar pra mim. Ninguém assumia, ninguém. Ninguém assumia essa parada.

Eu não desisti. A Alice fez uns panfletinhos com umas bicicletinhas, uns desenhos, uns elefantinhos. Aí eu ficava na Praça da Paz entregando pras pessoas, porque eu falei assim, se eu não fizer isso eu vou pirar. Sabe aqueles caras que surtam? E ficam na praça contando histórias, quando eram pequenos tal, mostrando umas fotos. Eu achava que eu ia ficar assim, de tanta energia que vinha pra fazer isso e eu não conseguia dar conta. Aí eu tinha que espriar com alguém. Então eu tô dando papelzinho ali na, eu e a Alice, dando papelzinho. Formos no Parque Lage. O curso foi todo no Parque Lage, que é legal é um negócio histórico. Foi muito legal lá no Parque Lage. Aí lá no Parque Lage tinha uma gráfica, a gente arranjou um dinheiro, rodou o negócio. Veio uma menina do meu curso falou assim: “Olha, eu falei com o Grisoll” aquele lá que liberou a gente. E ele falou pra vocês falarem com a dona Zoé. A mulher do governador”. Pô, a mulher do governador. “Na ditadura? O Chagas Freitas?” falou: “É, falar com ela”. Falei: “Porra, mas como é que eu vou falar com ela?”. “Vai no Palácio”. “No Palácio? A gente no Palácio?”. “É”. “Dá o telefone”. “Não, é pra você ir direto lá”. Ele falou que o nome da secretária chama dona Terezinha. Eu falei: “Paulinho, Alice vamos pegar” de chinelo havaiana “Vamos lá”. Pegamos um carro, fomos lá na dona Zoé. O Cazuzza ia no Iate Clube, que tinha um barco. Ele tinha um barco, ele era rico. E o prefeito também tomava café da manhã lá, cedo. Ele conhecia, o viu. Tudo bem, como é que a gente vai? Aí fomos na dona Zoé. Chegamos no Palácio eu falei: “Paulinho, entra no Palácio...”. O Paulinho não teve coragem, cabeludo assim, de entrar no Palácio. Se achava muito marginal pra entrar no Palácio. Já estacionou mais na frente, falei: “Porra, pára mais na entrada”. O cara assim “A gente já chega derrubado cara”.

Chegamos na porta, falamos: “Ó, nós queríamos falar com a dona Zoé porque nós estamos num grupo de teatro e a gente quer fazer um circo...” pros caras da porta. Aí os caras “Porra, o que esses caras tão fazendo aqui...”. “Nós somos do Asdrúbal Trouxe o Trombone, a gente...”. Aí: “Não, não é aqui não”. “Como não é aqui, cara?”. “Não, não é aqui. Ela não está aqui”. “Como não está aqui? Aqui não é o Palácio?”. “É, é o Palácio”. “Como não é aqui?”. Aí o Paulinho já: “Porra, só porque a gente é cabeludo, rapaz? A gente não tem direito?”. Falei: “Pô Paulinho, de repente não é aqui, esse Palácio”. “Porra, ela não tá aí? Por que ela não tá aí? Ela saiu?”. Falou: “Não, aqui não é o Palácio, cara. Aqui não é o Palácio, ela está não”. Falei: “Mas tem outro Palácio?”. “Tem outro Palácio lá em cima”. Estávamos no Palácio errado, já quase saindo na porrada com os porteiros do Palácio. E não era nem Palácio. Aí falamos: “Qual Palácio?”. “O Palácio Laranjeiras lá em cima”. “Ah... Vamos lá.”. Chegamos na Porta. Aquele Palácio, cara, ditadura e você. Aí chegou um cara: “Vocês, o que vocês querem?”. “Não, nós somos do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone e nós queríamos falar com a dona Zoé porque nós queríamos montar um circo...” já contava tudo na entrada ali.

Porque a gente, pô, não sabia como é se procedia um negócio desse. A situação era tão inusitada que estava indo falar com a mulher do governador, a gente! Ai na praça entregando papel, achando que ia virar maluco, mendigo. “Espera aí. Espera aí”. Foi lá no telefone, voltou, falou assim: “Vocês fazem o seguinte, vocês entram direto porque o telefone não está funcionando” - que eu tinha falado dona Terezinha. Ai nós entramos assim com aquele carro. Era com o carro? Era. Kombi foi depois. A Kombi que a gente empurrava pra entrar, que ela morria às vezes na entrada, a gente tinha que empurrar a Kombi lá dentro. Saía correndo. Ai, Kombi toda velha, mas era o Paulinho que estava no carro. E ai nós descemos. Dona Zoé estava se despedindo da mãe dela, com a cachorrinha, com aquela roupinha de cachorro, sabe? Aquelas cachorras de roupinha. E ai tudo assim encantado, parecia um filme, parecia que estava em Paris assim em Versailles.

Então, ai entrou num Galaxy preto e eu não tive coragem, achei que ainda ia dar tiro em mim, entende? Que ia abordar o carro, a mulher saindo, um negócio de jardim de inverno. Ai eu vi, se despedindo e entrando no carro aquelas senhorinhas, velhinha, a mãe dela, dona Adelaide. Não, era outro nome, mas era assim. Ai entramos. Falei: “A dona Terezinha está aí?”. “Sou eu”. Eu falei: “Dona Terezinha, sabe o que é? Nós somos do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone e nós queríamos fazer um circo. Nós queríamos falar com a dona Zoé”. Ela falando: “Ah, a dona Zoé conhece. Ih, ela vai adorar. Ela vai adorar isso, vai ser ótimo. Vamos fazer o seguinte, vocês vêm aqui amanhã, porque agora ela saiu. Vocês vêm aqui amanhã dez horas da manhã, já vou botar na pauta dela e amanhã vocês vêm aqui”. Falei: “Caraca mané. Estamos com tudo”. Pra mim já era dez. Estava lá arruinado, dando papelzinho, entende? De repente tô aqui no Palácio já com hora marcada com a mulher do governador.

Ai no dia seguinte fomos lá. Já fomos com a maquete, o Maurício tinha feito uma maquete. Fui eu, o Márcio, o Maurício, a Alice. Não sei se a Bebel foi, acho que foi também. Não sei se o Cazuzza foi, não me lembro. Chegamos. “Dona Zoé” falei assim: “nós marcamos...”. “Mas não está marcado. Agora eu tenho uma saída, que eu tenho agora, vou lá no Parque Lage, que eu tenho uma coisa lá. Vocês marcaram?”. Falei: “Marcamos com a dona Terezinha”. “Mas ela não anotou...”. Já começou o rolo. “O que vocês querem? Vocês conseguem falar em cinco minutos eu atendo vocês, senão vocês voltam depois. Às duas horas da tarde vocês voltam e eu estou aqui”. Eu comeci a explicar, ela falou assim: “Estou vendo que não é pra cinco minutos não”. “Então tá bom” foi embora. Ai voltamos, começamos a contar, ela falou: “Você tem que falar isso com o prefeito. Tem que falar com o prefeito”. “É, o Júlio Coutinho, a gente pode até falar com ele...”. Ela ligou pra ele: “Prefeito, tem um teste aqui pra ver se você é um prefeito criativo. Lá em Paris...” ele adora Paris “Lá em Paris usam muito isso. Todo verão é cheio de lonas, uma coisa, uma idéia maravilhosa que eles têm aqui. Quando que você pode? O ano que vem?”. Estávamos assim, era novembro assim “O ano que vem?” falei: “Não, não. Fala com ele agora, que a gente vai estrear 15 de janeiro”. “A gente quer falar com você agora, você falando que não pode...”. “Não, não tem tempo...”. “Vamos falar que a gente pode tomar café-da-manhã com ele, fazer cooper. A gente faz cooper lá no Iate”. “Eles querem fazer cooper com você, eles podem ir aí no café-da-manhã de vocês” falou. Ai foi prensando, ele marcou café da manhã lá no Iate Clube, seis horas, seis e meia da manhã. Seis e meia da manhã estou eu, Cazuzza com Bebel, com a maquete, já com um cara pra ir filmando. Esse material ficou tanto atrás disso... Última informação que eu soube é que o Robert, era um maluco que estava na parada, ele era traficante também, americano, e aí ele botou um negócio numa parede dupla, cocaína. E não sabe onde é que está essa porra desse filme que era a gente, eu, Cazuzza e Bebel conversando com o prefeito. Então a gente ia fazer o cooper, ele de frente correndo, a gente de costas correndo explicando pra ele já a idéia, e a gente ia filmar. Falei, pô, se a gente não conseguir fazer o circo, a gente tem alguém que tentou uma idéia dessa e fazer um filme da gente tentando. Imagina só, e se tivesse assim, imagina, o Cazuzza com a Bebel, comigo tentando convencer o prefeito do circo. Maravilhosa. E isso tá gravado não sei aonde.

Ai quando eu fui correr com ele pra pista ele falou: “Não, não. Não filma não. Que ela perguntou se a gente podia tomar café-da-manhã com ele, fazer cooper e filmar. Ele falou que sim. Isso que a gente foi fazer. Porque assim, esse negócio que a gente é maluco e tal, mas avança com a parada, entende, porque é esperto. Ai o cara disse sim pra ela, disse sim. Ai começou a cortar e eu já fui ficando puto com o cara, quase que eu comeci a bater no cara, porque a parada é, porra, tu combinaste, cara. Juntei uma galera, comprei filme, chamei uns caras, uma porção de coisas, de repente não pode? Fomos para a mesa. Na mesa, deixou filmar. A gente filmou na mesa e aí ele falou que não podia dar a Praça da Paz, que era complicado, saiu um movimento ali. Mas que de repente no Arpoador, como ele ia fazer uma obra, enquanto a obra não estivesse pronta a gente podia fazer no Arpoador. Eu não gostei: “Não, é na Praça da Paz...” aí o Márcio, esperto: “No Arpoador. Não, ótimo. O Arpoador ótimo tal”. Só pra encerrar por hoje, 15 de janeiro a gente estava inaugurando no Arpoador, O Circo Voador.

Não era conversa não aquele papo que eu falei de 15 de janeiro. Rolou 15 de janeiro mesmo. Então na Praça do Arpoador, a gente fez uma passeata que vinha da Praça da Paz até o Arpoador, um desfile. Chamava “Surpreendamental Parada Voadora”. O “surpreendamental” foi porque quando eu contei isso pro Rogerinho, que era esse menino que tinha essa palavra “surpreendamental”, eu falei pra ele essa idéia do circo ele falou: “Putá que o pariu, Perfeito. Eu tenho a palavra, eu tenho a palavra. Tem que chamar Surpreendamental”, mas eu não sabia o que ela significa. “Agora essa história que você está me contando é “surpreendamental”. Então eu te dou de presente esta palavra”. A gente fez a “Surpreendamental Parada Voadora”.

Eu mostrava a idéia pro Jabor, eu me lembro que eu mostrava pro... Eu mostrei pro Nelsinho Motta, o Nelsinho Motta olhou assim: “Pô, é...”. O Jabor achando que eu estava rodado, maluco, sabe? E tão rápido o negócio surgiu. É porque estava encantado, a parada era encantada, não tinha como. O processo de montagem do circo também é encantado também. Não tem patrocínio também, foi a gente mesmo. Não sei de onde que a gente tirava solução. Porque hoje é muito mais fácil. Assim, você apresenta uma idéia, não sei a idéia se nego ia comprar, mas as possibilidades de financiamento são muito maiores que naquela época. A gente nem ia atrás disso porque não se usava isso, ir atrás.

Então o Paulinho fez 6.000 camisetas na parada do pai dele e a gente vendeu as camisetas pra três espetáculos, com Caetano, com Moraes Moreira eu acho e o Gil - não me lembro, junto com os grupos. Então a gente vendeu antes. Já tinha um dinheiro antes, da estréia, porque já tinha vendido as camisetas, que era o ingresso. Então essa parada da sustentabilidade, do dinheiro... Eu também esqueci de dizer um negócio que eu fazia desde pequeno nos ônibus. Assim, essa minha parada com conta, com dinheiro, eu pegava ônibus e eu me lembro que era, pegava muito esse Olaria - Copacabana 484. Eu sabia os motorista e sabia quantos ônibus tinha porque eu via. Então devia ter mais 39. Eu calculava tudo. Ia no ônibus, calculava quanto é a passagem, quanto mais ou menos ia de pessoas ali dentro. Então multiplicava por 70 vezes dez reais, que é a passagem, então por semana dá tanto, por mês dá tanto. Tantos ônibus, são 40. Eu fazia todas as contas, sempre de tudo. No cinema... Eu entrava no cinema, tem 400 lugares. Ah, 20 reais dá tanto, por mês dá tanto. Eles devem gastar tanto. Devem ganhar tanto. Tudo eu olhava. Fazia isso desde pequeno, eu aprendi isso, eu fazia esses cálculos, sabe?

Então na Fundação Progresso, por exemplo, foi uma facilidade. Sei as contas todinhas aqui no espetáculo, aquilo, aquilo outro, tem aquilo, aqui gastou tanto. Não tem nada escrito, não tem nada. Eles tiram do bolso pra pagar as pessoas, não tem mais. Na época do Asdrúbal já contava quantas pessoas tinham, queria saber quantas pessoas cabiam, já ia para o espetáculo sabendo se a gente perdeu ou ganhava. Quando entrava no palco eu já sabia. Recebia todo mundo pra poder ver a cara que estava entrando, pra poder saber como é que eu ia me comunicar com aquele

público. E nego achava isso menos assim, produtor. Eu não acho nada menos, acho tudo mais. Quando mais, melhor. Quanto mais tu souberes, mais tiver possibilidades de saber onde é que tu andas, mais coisas, melhor pra você. Atuar.